

SUMMARIO

	PAGS.
INSPECÇÃO DO ENSINO	3
Questões geraes	
O ENSINO, José Feliciano	6
Pedagogia pratica	
NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso	20
Diversos	
INSPECTORIA GERAL DO ENSINO	29
Literatura	
TIRADENTES, comedia em um acto de C. A. Gomes Cardim	37
POESIA, de Antonio Peixoto	41
NO MEU HORTO, de Francisco Gaspar	41
O SERÃO (inedita) D. Izabel Vieira Serpa	43
ELEGIA DE HOJE, de Wenceslau de Queiroz	44
Os nossos Edificios escolares	47
Movimento associativo	49
Noticiario	53
Annuncios	58

REVISTA DE ENSINO

ORGANIZADA

Pelo

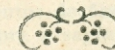
Associação Beneficente

do

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO

PUBLICAÇÃO BI-MESTRAL

NUMERO 5



1907
TYP. TOLOSA--S. PAULO

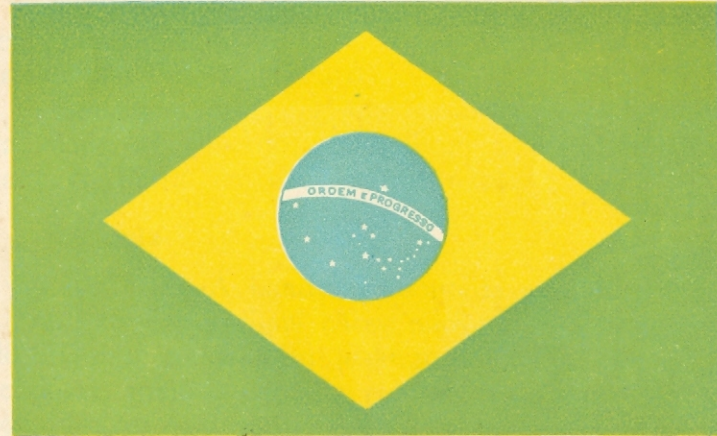
EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á *Revista de Ensino* deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario—**Augusto R. de Carvalho**—ou ao presidente da Associação, á rua *Sancta Thereza*, n. 28.
CAIXA DO CORREIO, 183

A BANDEIRA NACIONAL

AURI-VERDE PENDÃO DE MINHA TERRA,
QUE A BRISA DO BRAZIL BEIJA E BALANÇA!
ESTANDARTE QUE A LUZ DO SOL ENCERRA
E AS PROMESSAS DIVINAS DA ESPERANÇA!

Castro Alves.



É A MAIS BELLA ENTRE AS BELLAS.
Benjamin Constant.

Salve, lindo Pendão da esperança!
Salve, symbolo augusto da paz!
Tua nobre presença á lembrança
A grandeza da Patria nos traz.

Em teu seio formoso retractas
Este ceo de purissimo azul,
A verdura sem par destas mattas
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Contemplando o teu vulto sagrado
Comprehendemos o nosso dever,
E o Brazil, por seus filhos amado,
Poderoso e feliz ha de ser.

Sobre a immensa Nação brasileira,
Nos momentos de festa ou de dôr,
Paira sempre a sagrada Bandeira,
Pavilhão de Justiça e de Amôr.

.....
Recebe o affecto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido symbolo da terra,
Da amada terra do Brazil!

OLAVO BILAC.

Decreto n. 4, de 19 ds novembro de 1889.

Estabelece os distinctivos da bandeira e das armas nacionaes e dos sellos e sinetes da Republica.

«O Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil:

Considerando que as côres da nossa antiga bandeira recordam as luctas e as victorias gloriosas do exercito e da armada na defesa da Patria;

Considerando, pois, que essas côres, independentemente da fórma de governo, symbolisam a perpetuidade e integridade da Patria entre as outras nações;

Decreta:

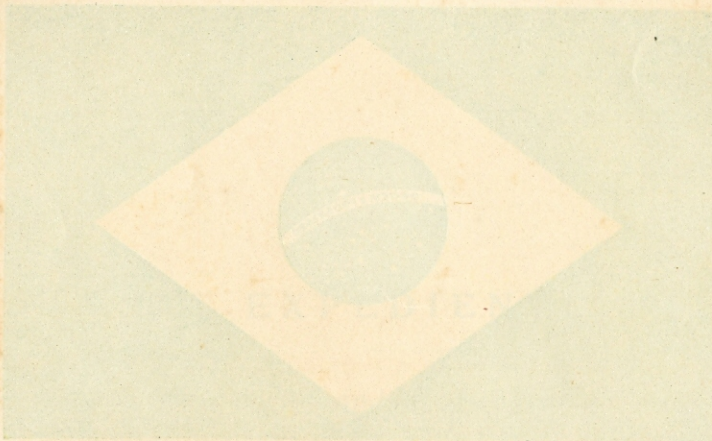
Art. 1.º—A bandeira adoptada pela Republica mantém a tradição das antigas côres nacionaes—verde e amarello—do seguinte modo: um losango amarello em campo verde, tendo no meio a esphera celeste azul, atravessada por uma zona branca, em sentido obliquo e descendente da direita para a esquerda, com a legenda — *Ordem e Progresso* — e pontuada por vinte e uma estrellas, entre as quaes as da constellação do CRUZEIRO, dispostas na sua situação astronomica, quanto á distancia e ao tamanho relativos, representando os vinte Estados da Republica e o Municipio Neutro, tudo segundo o modelo debuxado no *Annexo n. 1*.

Art. 2.º—As armas nacionaes serão as que se figuram na estampa annexa, n. 2.

Art. 3.º—Para os sellos e sinetes da Republica, servirá de symbolo a esphera celeste, qual se debuxa no centro da bandeira, tendo em volta as palavras — *Republica dos Estados Unidos do Brasil*.

Art. 4.º—Ficam revogadas as disposições em contrario. —Sala das sessões do Governo Provisorio, 19 de novembro de 1889, 1.º da Republica.

Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do Governo Provisorio — *Q. Bocayuva* — *Aristides da Silveira Lobo* — *Ruy Barbosa* — *M. Ferraz de Campos Salles* — *Benjamin Constant Botelho de Magalhães* — *Eduardo Wandenkolk.*»





HYMNO A BANDEIRA

OLAVO BILAC

Salve, lindo Pendão da esperança!
 Salve, symbolo augusto da paz!
 Tua nobre presença á lembrança
 A grandeza da Patria nos traz.

Em teu seio formoso retractas
 Este ceo de purissimo azul,
 A verdade sem par destas mattas
 E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Contemplando o teu vulto sagrado
 Comprehendemos o nosso dever,
 E o Brazil, por seus filhos amado,
 Poderoso e feliz ha de ser.

Sobre a immensa Nação brasileira,
 Nos momentos de festa ou de dôr,
 Paira sempre a sagrada Bandeira,
 Pavilhão de Justiça e de Amôr.

CORO

Recebe o affecto que se encerra
 Em nosso peito juvenil,
 Querido symbolo da terra,
 Da amada terra do Brazil!

HYMNO À BANDEIRA NACIONAL

Poesia de Olavo Bilac

Musica de Francisco Braga

Canto

Tempo de Marcha

Piano

Tempo de Marcha



Sal - ve,

dim..... p



lin - do pendão da espe - ran - ça Sal - ve sym - bo - lo au - gus - to da Paz! Tu, a nobre presença á leni.

p



Prop: Reservada

V.M.C.166

2. 1906.

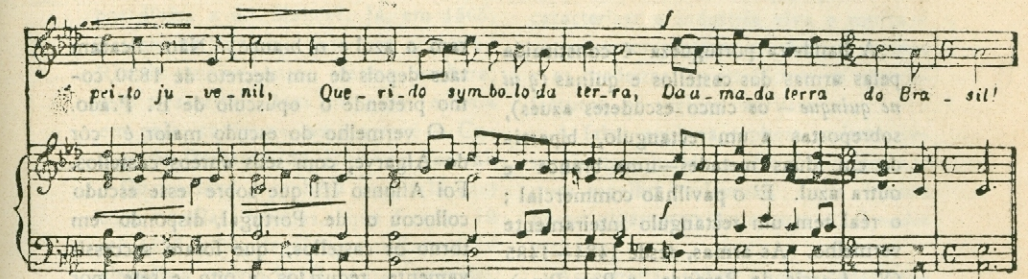
poco rit. *p* a tempo

- branca A gran - de - za da Patria nos traz. Re - ce - be o af - fec - to que ar - en - cer - ra Em nos so

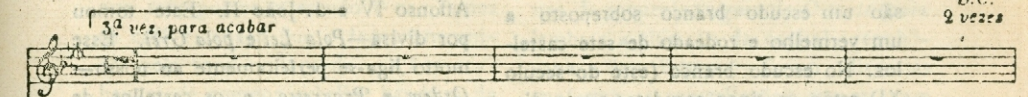


pe - ri - to ju - ve - nil, Que - ri - do sym - bo - lo da ter - ra, Da a - ma - da terra do Bra - sil!

D.C. 2 vezes



3ª vez, para acabar



3ª vez, para acabar



V.M.C.166.

QUESTÕES GERAES

A BANDEIRA NACIONAL

(NOTAS DE UMA CONFERENCIA)

I

A BANDEIRA PORTUGUEZA

A bandeira portugueza é constituída pelas armas dos castellos e quinas (*quina* — os cinco escudetes azues), sobrepostas a um rectangulo, bipartido em duas metades—uma branca e outra azul. E' o pavilhão commercial; o real tem um rectangulo inteiramente vermelho. As armas, desde 1484—1485 (V. Garcia de Rezende e Ruy Pina), são um escudo branco sobreposto a um vermelho e rodeado de sete castellos. No escudo branco (este do seculo XI) estão os cinco escudetes azues, dispostos em fórma de cruz e não como vêm no opusculo de E. Prado. Em cada um dos escudetes estão as cinco arruelas ou besantes, na fórma descripta pelas estrophes de Camões. Leia-se o terceiro volume dos *Opusculos de Herculano* leiam-se as *Chronicas* de Garcia de Rezende e de Ruy Pina, leiam-se os commentarios de Garcez aos *Lusiadas*, em 1731, e se verá como as cores nacionaes de Portugal sempre fo-

ram o azul e o branco. Não ficaram taes depois de um decreto de 1830, como pretende o opusculo de E. Prado.

O vermelho do escudo maior é côr do Algarve, com seus aureos castellos. Foi Affonso III que sobre esse escudo collocou o de Portugal, dispondo em torno os castellos, que foram successivamente reduzidos a oito e sete por Affonso IV e d. João II. Este tomou por divisa—*Pela Lei e pela Grei*. Esse motto liga-se perfeitamente ao nosso—*Ordem e Progresso*, e os castellos de ouro, por sua vez, têm sua côr em nosso losango.

São tantas as falhas, os enganos do folheto de E. Prado, que confirmar quanto eu disse a um seu intimo: a publicação desse livrinho foi um mau serviço que prestaram á sua memoria.

Elle talvez não quizesse publicar-o, e o conservava inedito havia já uns 12 annos, quando a morte o surpreheu, no melhor de seus afans.

II

A BANDEIRA IMPERIAL E A REPUBLICANA

O auriverde pendão brasileiro é hoje, em conjuncto, o mesmo que foi decretado a 18 de setembro de 1822. A Republica fez nelle menos transforma-

ção do que as decretadas pelo Imperio na bandeira portugueza.

Nas duas mudanças, entretanto, houve sempre a salutar preocupação de

manter a continuidade, as tradições communs dos dois povos.

O Imperio caracterizou o novo estado no actual rectangulo e losango, sobrepondo a este as armas imperiaes, em logar das portuguezas.

Era ainda um escudo, como o das armas que d. João dera ao Brasil-reino a 13 de maio de 1816. Mas o campo era verde, em vez de azul.

Sobre esse escudo estava ainda a mesma esphera armillar de ouro, que se firmava no escudo azul do Brasil-reino e que, em 1484, d. João II dera por divisa a d. Manoel. Já, em 1565, Estacio de Sá tinha dado por armas ao Rio de Janeiro essa mesma esphera, com tres settas, duas em aspa e uma em pala, conforme as manteve o Codigo de Posturas do Districto Federal.

Circumdava a esphera uma orla azul com estrellas brancas, que foram 19 até 1853 e 20, depois que o Paraná foi elevado a provincia. A corôa imperial, que sobrepujava o escudo e os ramos de café e tabaco que o ladeavam unidos pelo tope cu laço da nação—acabavam de compôr a bella bandeira da patria de nossos avós, que nol-a deram com as grandezas que a nova bandeira deve abrigar, estimulando-nos a accrescental-as mais e mais.

Para isso foi conservado na bandeira nova o aspecto fundamental da antiga—o rectangulo verde e o losango amarello

O novo estadio de evolução que a bandeira vinha symbolizar, apenas exigiu, como na anterior, que as armas fossem substituidas. Foi bem facil a transformação: a esphera de d. Manoel, com suas armillas achatadas, projectava-se no escudo verde e ia con-

fundir-se no mesmo plano com a faixa estellar, que lhe azulejava o contorno. Bastava que essa orla azul, estellar, se estendesse por sobre o circulo onde a esphera se projectava e logo um globo celeste, um ceo real, com as mesmas estrellas, se poderia formar, segundo as normas do novo regimen.

Foi o que se fez, apenas supprimindo inteiramente a corôa e os ramos, que José Bonifacio ahi collocára para, «em sua propria côr», representar a riqueza agricola do paiz. Ora, a côr verde e a amarella ahi estão para bem caracterizar a industria viva e morta— as viventes plantas, as loiras espigas e as madeiras, os artefactos, as manufacturas, as regiões auríferas.

A faixa azul na esphera celeste, resurgiu translúcida e ahi está projectada num espelho horizontal, onde lembra nosso gigantesco Amazonas «o Equador visivel».

As estrellas todas, augmentadas apenas da pequenina *sigma* do Oitante (para lembrar a situação da capital republicana e seu districto)—foram dispostas conforme as constellações que estavam no ceo a testemunhar a proclamação do novo regimen.

A Cruz de Christo, sempre veneranda, ainda mais se elevou nas celsidades da nova esphera e o *lignum vite* da terra transformou-se em um emblema celeste—no eterno cruceiro, que symboliza nossos climas, com a fixidez das coisas imperciveis. E ahi, no ceruleo páramo nos está fixando:

1.) A situação geographica da capital brasileira e o ceo de nossa patria;

2.) O nome primitivo da terra Santa Cruz (foi visio e desenhado pelos descobridores); (*)

(1) É facil ver na carta que o astronomo, bacharel ou mestre João dirigiu da Bahia a d. Manoel, a 1 de maio de 1500—Alguns documentos da Torre do Tombo; Revista do Instituto Historico; Historia de Varnhagem, 1.^a edição, etc.

3.. A hora da proclamação da República;

4.) A separação da Igreja, que podia conceder uma inviolabilidade e uma hereditariedade para sempre abolidas do novo regimen (agora de direito como de facto estiveram abolidas no regimen antigo);

5.) A lembrança da Cruz de Aviz,

substituída por d. João II, e da Cruz de Christo, que fluctuava nos galeões das caravellas que descobriram nossa terra.

Em um tratado sobre a bandeira, mais coisas esse cruzeiro mirífico nos poderia lembrar.

Mas para refutação de nossos desviados, embora distintos contradictores, bastam essas notas.

III

ERRO NA PROJECCÃO DA ESPHERA CELESTE

A mais grave accusação que se faz á bandeira republicana é dizer-se que o ceo ahi projectado é mui bello, mui significativo, mas está errado. E está errado porque uma especial projecção estereographica de ceo dá uma figura inversa da que se gravou na bandeira.

Ora, essa projecção estereographica sobre o horizonte só dará tal imagem para quem estiver no nosso *nadir* e de lá possa, atravez da terra, contemplar o nosso hemispherio celeste, a 15 de novembro. Assim, tal figura seria exacta e commoda para nossos antipodas, quando olhassem *para baixo*, para *nosso lado*. Para nós, a imagem commoda e exacta, é a que representa o ceo reflectido num espelho, como na superficie horizontal dum lago. Nós ahi olhamos commodamente *para baixo* e contemplamos o ceo de nossa bandeira, como nos dias de eclipse se vê o sol numa vasilha cheia d'agua. O que no ceo estava antes á direita, quando o contemplavamos de frente, no espelho aquoso está naturalmente á esquerda,

quando para este nos voltamos. Mas se, olhando o espelho, imaginarmos o espectáculo, que ahi se reflecte, tudo está em seus logares; é uma questão de relatividade; o que no ceo está á esquerda, a gente na figura vê á esquerda, etc.

Essa imagem tem o merito de forçar o espectador a usar melhor, mais relativamente de sua razão. Força-o a ser consciente, a melhor orientar-se. Assim não acontecerá mais o que vi no antigo *Batalhão de Voluntarios Paulistas*, em 1893; muita gente não sabia voltar-se depressa para a direita e para a esquerda...

No caso da projecção estereographica, na superficie horizontal de um lago, só quem estivesse no fundo e no centro teria ahi a imagem proposta no opusculo do dr. E. Prado. E então a bandeira ficaria exacta para os habitantes das aguas, para os peixes ou para os amphibios. Ora, nossa bandeira não foi feita para os peixes, nem para os nossos a t'poias...

IV

OUTROS ERROS ASTRONOMICOS

Fôra longo e fular outros pretendidos erros astronomicos, de que está inçada

a bandeira, no dizer do opusculo citado. Para confutar a mór parte basta dizer que

se baseiam na pretensão de ser a esphera projectada na bandeira uma carta celeste, com precisão maior de que a permittida em cartas daquelle tamanho, ou naquella infinita escala. (*) Ahi só ha, só póle haver posições relativas, disposições graphicas de desenho. E é isso mesmo o que diz o decreto de 19 de novembro de 1889, no mesmo trecho citado pelo critico: as estrellas estão « lispostas na sua situação astronomica, quanto á distancia e ao tamanho relativos »...

A faixa planetaria não é a ecliptica: é o zodiaco e sua largura se estende por uns 18 a 20 graus. A ecliptica, si ahi estivesse representada, devia ser a linha intermedia, que não póde ser traçada, a riscar a legenda.

Só por isso, as estrellas, que estão situadas nas proximidades da ecliptica, podiam passar para cima ou para baixo da zona, conforme as conveniencias estheticas do desenho.

Essa liberdade nos permittiu ter na bandeira a estrella *Spica* (a *alpha Virginis*) acima da faixa, e assignalar visivelmente que temos ao Norte do Estado do Pará, como abaixo a estrella *Procyon*, de uma constellação boreal (*Canis Menor*), póde symbolizar o Amazonas.

Assim se afasta mais uma censura do folheto de E. Prado.

Outra critica especial refere-se á estrella *sigma* do Oitante - a nossa polar - que na bandeira representa a latitude do Rio. A maneira por que no folheto se confundem *circulos de latitudes, parallelos, celestes* etc., mostra que seu auctor desconhecia que a *al-*

tura do polo em um logar significa rigorosamente a latitude desse logar. Com essa elementar noção de astronomia, e sabendo-se que a *sigma* do Oitante está a 45' de nosso polo, fica-se habilitado a ver na projecção horizontal dessa estrella a latitude e mesmo o longitude do Rio de Janeiro, cujo ceo em dada hora, está figurado na bandeira...

Si a questão fosse de astronomia, mais tinha eu que respigar no folheto, especialmente a questão de *alpha* e *beta* do *Centaurus* ou a questão das estrellas circumpolares. A primeira questão é mais de esthetica.

Desta tratarei na ultima nota. Tenho certo constrangimento em alongar estas notas.

A estima, que nos ultimos tempos da vida de Eduardo Prado começava a cimentar-se entre nós, — pelo amor ás coisas patrias, — me leva a deplorar que e tes reparos tenham que ser oppostos a seu opusculo posthumo. Parece que elle proprio não queria publicar tal folheto, que desde 1890 estava inteiramente acabado.

Os erros historicos não se coadunam ahi com o espirito de investigação esmerada, que a morte apagou exactamente quando ia ser mais fecundo.

Assim as notas seguintes assumirão um aspecto mais generico e, como sempre, inteiramente impessoal. Nellas completarei o resumo que o *Commercio de S. Paulo* teve a gentileza de publicar e celebrarei hoje o 18° anniversario da nossa e tellifera ou estellante bandeira.

(1) Infinita escala, como carta topographica, e immensa como carta celeste com distancias angulares.

O CEO DA BANDEIRA

Preciso esclarecer melhor esta parte essencial de nossa bandeira e afastar geralmente certas objecções. Esta nota poderá também esclarecer as duvidas, que os globos celestes, de pertam ás vezes, mesmo aos homens de letras. Não é só a bandeira que soffre objecções *desorientadas* ou com *ponto de vista errado*.

Tambem um globo celeste, numa livraria daqui, foi completamente mal-sinado de erroneo, e o livreiro teve de socorrer-se de minha defe-a.

Tudo se resolvia no mau, no errado ponto de mira do censor.

Desde Aratus, o celebre poeta astronomo, que Cicero traduziu, se agitou a questão de olhar-se o ideal conjuncto da esphera pelo exterior convexo ou pela concavidade interior. Hipparco, ao commentar o livro de Aratus, alvitra que o segundo é mais commodo. Mas os globos modernos são geralmente feitos para se vêr pela convexidade exterior, e dão o espectáculo do ceo como se acha em nossa bandeira. Mas, nesse caso não se exige que o espectador esteja no infinito.

Tracta-se de direcções visuaes que, embora venham do illimitado, do infinito, podem ser atalhadas em qualquer ponto de seu percurso. Para interceptal-as, nem é necessario subir até o mundo da lua. Bastará ficar no contorno de nossa atmospheria e ahi se desenhará o espectáculo que nos dão os globos celestes.

As espheras todas sendo semelhantes, nossos globos didacticos em perspectiva e em miniatura, são cartas celest

que espelham a esphera do infinito ou qualquer outra com o mesmo centro e com raio limitado. Assim bastará contentar-se com uma esphera cujo raio atinja a cercadura da massa fluida que nos envolve. O benemerito Santos Dumont está mais e mais facilitando a realidade de tal ascensão.

O ceo da bandeira, ao contrario do que se affirmou, está dentro das vantagens da projecção estereographica e mantem todas as distancias angulares.

E projecção vista *sobre* e não *sob* o horizonte: cifra-se nisto só a especialidade sua, conforme já expiiquei.

Convém aqui dissipar a objecção dos que notam que os polos da bandeira estão invertidos.

Acham que o polo sul devia estar para cima e o polo norte para baixo. Ora, na projecção da bandeira o polo norte não pode entrar em logar nenhum *porque não existe*. Está sob o horizonte, a uma distancia igual á latitude do Rio de Janeiro.

Si o quizessemos projectar estereographicamente, onde iria elle cahir? Os que sabem um pouco estas coisas, vêm que ficaria fora da Terra, no prolongamento da meridiana, onde se encontrasse com o raio visual que vinha do nadir, passando pelo dito polo.

Eis aqui uma primeira amostra dos transviados rigoristas, que não querem acceitar os factos consummados e renegam as relatividades da esthetica.

Vê se que em qualquer caso fóra impossivel traçar artisticamente o ceo de 15 de novembro, sem modificar os rigores das cartas celestes. Aliás, quem

conhece estas, sabe que não ha ahi nenhum rigor constante. Nas cartas de Dien, antes da revisão de Flammarion, faltava a nossa *Canopus*; e a *alpha* do Centauro, que desejam por na bandeira, estava 15 gráus afastada de sua posição real. Todos os annos o quadriculado de circulos, que nas cartas assignalam os astros, perpassa sobre todas, de Este para Oeste, e lhes altera as coordenadas em ascensão recta, (o erro passa de 3 minutos horarios e em declinação attinge a uns 20 segundos de arco).

Esta modificação é devida ao movimento de precessão dos equinoxios. Esse movimento em uma duzia de millenios (não são necessarios milhões de annos,) faz que muitas constellações do Sul passem para o norte e *vice-versa*.

Desse modo se explicará o caso da estrella *Spica* acima da faixa (fazendo-a subir na direcção de seu maximo circulo).

Spica foi escolhida por estar ligada á descoberta da precessão por Hipparco e é a mais importante das que nesse calculo entraram, pois, nelle serviu desde Timocaris até Ptolomeu.

Regulus de Leo só serviu depois com Ptolomeu quando com *Spica* já Hipparco fizera essencialmente a descoberta. Além disso, devido mesmo á precessão, annualmente o Sol aproxima-se da *Spica*, ao inaugurar nossa caracteristica primavera, e ao encaminhar-se para *Scorpius*, onde vai presidir ao 15 de novembro.

Eis ahi um motivo mais, para a escolha de *Scorpius*: é ao entrar nessa constellação que o sol illumina o nosso 15 de novembro.

Por sua vez o *Triangulo astral* não podia ser esquecido, já por sua configuração regularissima, já porque o as-

tronomo, o mestre João a assignalou especialmente — na carta de 1 de maio de 1500.

E finalmente o Centauro mesmo com suas bellissimas estrellas, não podia ser aggravado: 1.) porque não havia lugar para duas estrellas de tanto brilho como sua *alpha* e sua *bêta*, sem offuscar o intangivel, o sagrado Cruzeiro: 2.) porque este representa o *Centauro*, de que fez parte desde a mais alta antiguidade até o seculo XVII (Vide as investigações do eminente *Delambre*.)

E a proposito do ineffectivel Cruzeiro mais duas observações.

Si prevalecesse a inversão do polo o Cruzeiro ficaria também invertido, si fosse uma constellação circumpolar, no meridiano inferior, facto que não se observa inteiramente, em região alguma do Brasil. O Cruzeiro, para representar a Cruz de Christo, tem um antecedente no tempo do Imperio. Então a bandeira da marinha era um quadrado azul com uma cruz formada de estrellas BRANCAS (A bandeira imperial ou real, era toda verde e tinha no centro uma aurea corôa imperial).

Não é preciso justificar a presença na bandeira das tres maximas estrellas, que ladeiam o Cruzeiro, á esquerda (ou á direita, para quem as observa directamente no ceo). Ser-me-ia facil, com pouca erudição, descrever os meritos dos tres astros que lembram intimamente a civilização egypcia, — *alma Mater* da civilização humana.

Sirius ou *Sollis*, a *rubra Canicula*, de Horacio, a *Estifera*, liga-se a *Procyon*, que a precedia nas plagas niloticas, e a *Canopus*, o piloto de *Osiris*. *Sirius* é a *alpha* de *Canis major*, que se liga á fábula de caçador *Orion*.

Julgo por isso dispensavel mostrar porque *Orion* não foi escolhido. É uma

constellação bipartida pelo equador celeste, e embora, objectivamente, a mais bella das constellações, não pôde separar os fóros do Cruzeiro, da *Croce ma-*

VI

AINDA O CEO DA BANDEIRA

Para um opusculo, que sobre nossa bandeira, devo publicar, estou reservando as simples e especiaes notas de erudição.

Já deixei de apurar si as armas do Rio são a esphera e settas de Estacio de Sá ou sómente as settas. Não citei versos de Camões, de Garrett, etc., que muito vinham ao caso... Mas dois pontos ha que eu desejo esclarecer, antes de mostrar o tempo mais favoravel para observar o ceo gravado em nossa bandeira.

Já assentei que o Cruzeiro foi visto pelos descobridores e desenhado por um astrónomo, Mestre João, encarregado por d. Manuel de estudar as estrellas de nosso polo. Quando, porém, essa constellação se destacou do Centauro e ficou sendo o *Throno de Cesar* ou *Cruz do Sul*?

E. Prado diz qual foi em 1612 no Atlas de Brayer. Deve ser Bayer e o Atlas deve ser sua *Uranometria*, publicada em 1603. Mas nesse Atlas ainda o Cruzeiro está sobre as patas do Centauro e suas quatro estrellas características vêm enumeradas com as desta constellação (têm os nomes *epsilon*, *zeta*, *ny* e *xi*) embora no verso Bayer a chame *Modernis (*) Crux* (Flammarion, Les Etoiles).

Só em 1679 Agostinho Royer formou com as estrellas do Cruzeiro um

ravigliosa, a mandorla dos florentinos Corsari e Vespucci, as «*quatro stelles*» ou «*a estrella nova*» de Dante e Camões (Purga torio 1; *Lusiadas* e *Elegias* III.

novo grupo estellar, que denominou *Cruz do Sul*, ou *Throno de Cesar*.

Não é especialmente esta correcção que me interessa neste ponto. Quero deixar notado que o *Atlas*, a *Uranometria* de 1603, foi publicado por Bayer com as figuras ás avessas, isto é, as chapas eram ditas como o ceo e davam na impressão aspectos invertidos. E exactamente o caso do ceo de nossa bandeira.

Tome-se uma chapa, um cliché egual ao modelo proposto por E. Prado e com elle teremos a impressão do globo de nossa bandeira, antes de se inscrever a legenda da faixa. Assim poderemos tirar desta critica um proveito; corrigir um pouco o desenho do anexo ao decreto de 19 novembro conforme adiante mostrarei em relação a *Spica*.

Temos, pois, num caso historico mais uma justificativa especial para a bandeira. E com o julgamento dum mathematico, no *Diccionario* de Montferrier. Ahi dizia Barginet que «o defeito não era essencial», mesmo tratando-se de *cartas celestes*.

Disse em minha conferencia que o *Cruzeiro* passa no meridiano a 15 de novembro antes das 10 horas. Só te-

nho determinação especial para a estrella *Alpha*, a estrella de Magalhães. Essa passa no meridiano as 8 h. 45 m.; uma hora depois, aproximadamente, passa a *Spica*. No modelo anexo ao decreto, essa estrella não foi collocada muito exactamente pelo desenhista, embora guarde a posição relativa.

Pode ficar mais á esquerda, mais proxima do meridiano, isto é, da linha que passa por *alpha* e *gamma* do Cruzeiro.

Deve guardar o intervallo horario de 15 graus em angulo, ou uma hora entre o meridiano e seu circulo maximo. Assim, poderá marcar melhor a longitude do Rio, e se poderá aproveitar o trabalho de projecção de Eduardo Prado. Isto em nada modifica o aspecto fundamental da bandeira, que os fabricantes alteram á moda da ignorancia mais desalumiada. A projecção que E. Prado apresenta está com aproximação de um quarto de minuto horario e está bem feita.

Não fosse o espirito de partido, e essa necessidade de fazer aproximação, mesmo no technico, no rigoroso, no critico, teria que se julgasse com acerto nossa bellissima bandeira.

Assim a estrella, cuja collocação provocou as mais vivas criticas, apenas subirá em seu circulo horario, para evitar a faixa, onde ficaria invisivel quasi. Esta deslocação está na ordem das coisas celestes. A ecliptica varia secularmente de obliquidade (48 segundos de arco) e periodicamente tem ainda uma mutação. Além disso, a precessão dos equinoxios faz-a variar constantemente de posição com a esphera celeste, e dahi vem poderem passar muitos astros para o Norte ou para o Sul.

Temos, finalmente que a longitude

do Rio é marcada por duas estrellas primarias, as *alphas* das duas mais nobres, mais alevantadas constellações symbolicas. Uma figura a placida, equanime *Asiria*, filha da luz e da Justiça (*Themis*), o symbolo das searas, a terna Virgem de cavalleiros crentes. Outra lembra a terra de Santa Cruz, lembra uma veneranda Religião, que presidiu a muitos seculos da lenta preparação humana e a todos nós, crentes ou incredulos, trouxe a presente civilisação, que todos per egual fruimos.

Deixemos, pois, uma critica destruidora e van, que visa a um rigor dispensavel até em cartas celestes. Façamos simplesmente uma esthetica, uma approximada pintura do ceo reflectido em um espelho horizontal. Sobre tudo tractemos de observar esse refulgente ceo, de que tantissimos fallam e que pouquissimos conhecem.

O ceo da bandeira, a 15 de novembro, torna-se inteiramente visivel entre 6 e 7 horas da manhã e começa a desaparecer, quanto a *Sirius*, entre 9 e 10 horas.

Canopus fica visivel até ás 11 horas e o *Cruzeiro* só desaparece no findar ao memoravel dia. Assiste, pois, ao desenrolar completo de suas principaes scenas, de suas emoções mais vivas.

Esse mesmo espectáculo pôde ser visto annualmente em abril, maio e junho, na primeira metade da noite.

No mez de abril, deve-se observar no ultimo terço da noite, entre 10 e 12 horas. Em maio e junho, de 6 ás 10 horas. Deve-se observar cada vez mais cedo, de meia noite ás 6 horas da tarde, á medida que se avança de abril a junho. O espectáculo do ceo começa todos os dias cerca de 4 minutos mais

cedo, ou meia hora mais cedo cada semana e 2 horas cada mez. Isto é devido ao movimento apparente do Sol na ecliptica, de Occidente para Oriente. Em verdade é o Sol que se põe mais tarde e não é o espectáculo do ceo que vem mais cedo.

Este vem sempre a mesma hora e vai sempre encontrando o Sol uns 4 minutos mais visível, donde suppor-se que é mais cedo, porque o tempo é medido pelo movimento d'urto do Sol. Ahí está mais uma *difficuldade*, mais um caso de *relati-ismo*, que precisam resolver no ceo real (s que no ceo da bandeira não o admittem e repugnam. Tudo está em nossos habitos. Si contássemos as horas por uma estrella *fixa* teríamos um tempo *fixo*, mas com

muitos e m t s inconvenientes praticos, estheticos, etc. (não ter horas certas de claridade, de noite etc.)

Si vissemos o espectáculo celeste na concavidade espherica somente, teríamos uma só imagem, mas com muitos inconvenientes theoreticos, estheticos e mesmo praticos (falta de orientação, abstracção deficiente, etc.)

Como nós não caninhámos para um escuro analfabetismo, nem visámos a uma aperaltada ou fofa literatice, esperemos que em nossas escolas se aprenda a melhor observar o ceo em um espelho e a contar melhor o tempo, para não o gastar com criticas de palhas alhas. Por esta razão, concluirei com a proxima nota.

VII

AS 21 ESTRELLAS, A LEGENDA, A HERALDICA E A ESTHETICA

Não ha mais duvidas sobre a legitimidade e acerto da feliz combinação que nossa bandeira apresenta com 21 estrellas de nossa estellante abobada. É a única bandeira que, em seu aspecto, symboliza integralmente a Patria e imperecedoramente assignala o dia em que ella iniciou um novo estadio civico.

Emquanto o mundo fór mundo, o aspecto da bandeira lembrará os fundamentos celestes e terrestres de nossa querida Patria. Nenhum 15 de novembro passará sem que o ceo ahí pare sobre nós, como sacro testemunho, a revêr nossos progressos, com a placidez serena de uma regularidade exemplar. Nelle temos o idéal modelo, porque devemos mais e mais pautar a re-

gularização de nossos actos privados ou civicos, de nossas funções collectivas, de nossas relações universaes.

A quem na bandeira repugne vêr um espelhado ceo volte-a ao revez e terá o espectáculo directo que lhe figure o firmamento astral. Nada impede que nossa bandeira seja transparente ou mostre duas vistas, como habitualmente acontece com as que se fazem de estoffo commum. Mesmo com a adopção do aspecto directo, nada evitará que o reverso da bandeira apresentasse o espectáculo invertido. Prova-se agora, mais uma vez, quanto são vãs e facciosas as objecções que o aspecto da bandeira tem despertado.

Satisfazer gostos individuaes na disposição das 21 estrellas, fóra tarefa

insana e impossivel. Só as 8 estrellas de *Scorpius* admittem 40.320 permutações ou ordens diferentes. Si, por exemplo, me consultassem a respeito, eu as reduziria a sete, e, em lugar da oitava, poria *Regulus* de Léo, a fazer um pouco de symetria com *Spica*. acima da faixa, á esquerda. *Regulus* (o rei joven) ficaria sobre a *O dem*, assignalando-a symbolicamente, assim como *Spica*, de outro lado, assignala o *Pro gresso*, como symbolo das searas, da *maturação*, do *desenvolvimento* agricola.

Mas tudo isto se reduz a simples melhoria de uma partezinha da forma. E que vale ante a significação do fundo, ante a constancia do symbolo?

Ensinemol-o, pois, com suas 21 estrellas, que symbolizam os 20 Estados com o Districto Federal, como as 20 estrellas da orla azul na bandeira imperial symbolisavam as 20 antigas provincias. Ha, porém, reaes vantagens no symbolo novo, no symbolo republicano.

O que socialmente se quer ahí representar é o phenomeno da *independencia* e do *concurso*, onde entra n unidades que existem a parte, mas concorrem para um fim commum. É o que nos define um admiravel principio de Aristoteles—*a separação dos esforços e a sua convergencia necessaria*. Nenhuma existencia collectiva, social, é possivel sem o labor convergente de todas as unidades responsaveis, que tiram desse concurso independente o melhor quinhão de sua dignidade.

Ora, as estrellas *independentes* em suas orbitas ou centros, constantes em seus aspectos e em sua apparente equidistancia, convergem todas para formar o conjunto harmonico da esphera celeste. Symbolizam, pois, o que na Patria temos, o que temos na Sociedade: symbolizam as unidades, os Estados

independentes e o concurso de todos para um real conjunto, um fim commum. Mas tal symbolização é só perfeita quando as estrellas estão em constellações, quando solidariamente, *suas posições relativas*, constituem no ceo um conjunto definido, como no aspecto de nossa bandeira. Não estão ahí separadas e dispersas, mas convergentes e harmonicas na formação de um determinado aspecto, com um fim determinado.

São independentes, têm até movimentos proprios, mas tudo em modo a não alterar o conjunto essencial. A orla azul da antiga bandeira não éra, um fim espontaneamente definido, um definido aspecto essencial, immutavel, onde a estrellas circularmente convergissem.

Alli havia artificio, embora mui digno, aqui ha uma eviterna realidade cosmica.

Não é só nesse conjunto real e indestructivel que nós temos a symbolização de um concurso digno, independente.

Esse conjunto representa a *ordem* social, base de todo o *progresso*. Com o trabalho digno, estorção de cada um, com a reunião de todos os esforços realiza-se a *ordem*, forma-se o inicio de todo progresso.

A legenda, que na faixa ou banda se inscreve, corôa assim a final symbolização de nossa ideal bandeira. O mesmo logar em que se acha gravada concorre para augmentar a força do symbolo. Com effeito, é preciso que o *progresso* mais e mais se concilie com a *ordem*.

Um novo estado social deve ser um *aperfeiçoamento*, em que se conservem, *melhorados*, os elementos estaveis da sociedade.

Fóra disso, temos sómente um des-

garrado liberalismo, um anarchismo iconoclasta, feroz, ou um conservatorismo ferrenho, uma obscura retrogradação.

E' preciso que o progresso constantemente seja compativel com a *ordem* mais estavel.

E' isso mesmo que nos ensina decisivamente, ineluctavelmente a existencia planetaria, que *ab aeterno* se desenrola na faixa da legenda caracteristica.

Na existencia planetaria, de que humanamente somos nós *magna para* é lei essencial, a existencia, a compatibilidade do movimento, da progressão com o arranjo, com a constituição do systema que se move, que progride. E' lei que Galileu descobriu, vitalissima lei, que era preciso inventar, si não existisse naturalmente. O facto de annualmente viajarmos translatriamente no Espaço, a perlustrar as constellações zodiacaes; e sem nada soffrer em nosso arranjo terrestre, está ali perennemente mostrando que o movimento se concilia com a existencia, que o progresso se harmoniza com a *ordem*. Ora, exactamente na faixa zodiacal da legenda é que se realiza essa viagem e essa conciliação. Della só têm consciencia plena os estudiosos alumiados, que não desdenham observar o ceo, como viajantes de um immenso navio, a olhar, horizonte em fóra os asterismos distantes. Esta conciliação é comprovada pela existencia e progressão dos demais planetas, que convivem com a Terra nessa immensa região celeste.

Outras bandeiras e divisas collimaram o mesmo fim.

Nenhuma, porém logrou realizal-o com esse idealismo intenso, profundo, e tão dilatado que nos prolonga até ao mais longinquo porvir. O estrellado pendão americano basea-se em artificio analogo ao do Imperio brasileiro.

Em ambos preconizam a egualdade das estrellas artificialmente encerradas em uma zona circular, e em um rectangulo, que, por si, como *prisdões* ou cercaduras, não symbolizam independencia; nem lhes assignalam um *concurso* definido.

Em nossa bandeira, as estrellas deseguaes em brilho, grandeza, desde logo mostram que ha Estados deseguaes em territorios.

Não os individualizam, porque todos estão unidos numa só federação, para a qual concorrem em sua real *independencia*.

Este conjuncto as estrellas deseguaes claramente symbolizam, porque não estão ahí gravadas por causa de sua desigualdade, mas pelo *concurso* necessario com que formam um ceo imperecível.

Como tenho que tatar da legitimidade heraldica de nossa bandeira, é bem que comece estabelecendo uma real genealogia para o lemma tão injustamente censurado.

A esphera ou globo, em cuja banda se acha, remonta sua linhagem até a estirpe jonnimanelina dos reis portuguezes.

Tambem nossa divisa pôde genealógicamente remontar a esses heroicos e afastados tempos.

Si eu conseguir demonstrar finalmente que até o traçado de nossa bandeira é lidimamente heraldico — teremos que, mesmo sob um aspecto secundario, é excepcional e verdadeira a nobiliarchia de nosso pendão.

A significação historica e a actual, a republicana, que nosso lemma representa, filiam-se a duas divisas ou mottos de dois proceres da civilização portugueza.

O TALENTO DE BIEN-FAIRE do infante d. Henrique—o *navegador*, e o—POLA LEI e POLA GREY, do *Principe perfeito*, mostram espontaneamente a base real donde nosso lemma proveiu. O primeiro, num homem de sciencia, apresenta em esboço e sentido positivo da *ordem*, como synthese de conhecimento da realidade em geral, como um *arranj*, um *conjuncto* de leis philosophicas, cheias de uma *sabedoria* amavel, que esclarece uma *vontade* san, propensa ás acções boas... TALENT—*talante bem fazer* é a vontade feita de um sentir esclarecido e resolutivo, a *dispor*, a *ordenar* no interior para *bem fazer*, para aperfeiçoar, para progredir no exterior—porque só progredimos quando passamos a um estado melhor no desenvolvimento do bem.

LEI—*Ligação constante*, mandado, é decreto imperativo, a representar a *ordem*, num tempo em que era preciso a disciplina ferrea para manter a estabilidade social. Esta ainda não podia ser dada por uma educação republicana, por uma sciencia coordenada e feita para convencer almas livres, animos responsaveis.

GREY—*agregação*, era o rebanho unido, congregado pela disciplina, que se assentara para seu bem, para seu *melhoramento* e *progresso*, representado embora em um *benplacito* real.

Assim, a um tempo, desvendamos uma estavel genealogia nacional para a nossa divisa e lhe damos uma significação inteiramente republicana ou social.

Ordem só é possível em um arranjo livre, feito pelo saber ordenado, pela educação que persuade e convence.

Progresso é o desenvolvimento da *ordem* que na educação consolida as melhores afeições; é o aperfeiçoamento dirigido

por essa mesma ordem e visando essas mesmas afeições consolidadas.

Tal é a mais alta nobreza que attinge nossa bandeira e que a linguagem heraldica teve que exprimir nos elementos constitutivos de um pavilhão, de braço de armas,—isto é, no *escudo*, cores (*metaes* ou *esmaltes*) e nas *figuras*. Si a heraldica faltassem expressões para os novos symbolos—teriamos que fazer ahí o que na linguagem commum geralmente se faz: *criaríamos neologismos* ou *daríamos* mais extensão a termos antigos. Mas eu vou mostrar brevemente, e para quem nisto se interessou, que a heraldica fundamentalmente justifica até a malsinada, pretensa inversão do ceo de nossa bandeira.

De facto, a primeira convenção da heraldica é *brazonar*, figurando o escudo, o campo do braço adaptado á symetria do corpo humano, que protegés como no globo se molia, se reflecte, o ceo que representa. Quem olha o escudo tem que chamar direita (*dextra*) á sua esquerda e *vice-versa*. Outra regra é haver escudo *revestido*, isto é, com um losango, ou haver mesmo um escudo em forma de losango ou *lizonja* como diziam nossos maiores. Tal escudo era usado pelas Damas, pelas Donzellas e é muito adaptado á nossa Patria,—*Mater* querida, *Dama* de nossos pensamentos, a quem devemos amar e servir, como cidadãos cavalleirosos. Mais uma regra é dividir as cores em *metaes* (*ouro* ou *amarello* e *prata* ou *branco*) e *esmaltes azul*, *sinople* ou *verde*, *gões* ou *vermelho*, *sable* ou *negro*, *purpura* ou *violeta*: não se admite *esmalte* sobre *esmalte*, nem *metal* sobre *metal*. Os *besantes*, como os da bandeira portugueza, só podem ser de metal. Os *roéis* ou *arruellas*—os globos ou *bolas*, *lourteaux*, só podem ser de *esmalte*, como o azul do nosso globo.

Em rigor—são besantes e não se podem chamar *arruella os pontos* brancos das quinas portuguezas, como lhes chamou *Herculano*. E o escudo italiano rigorosamente não devera ter *gôles* sobre azul, a não ser em peça cosida ou *sobre-cosida*. As figuras podem ser corpos naturaes, como os astros, animaes, castellos, e até utensilios de cozinha, como a *Sartago*, sartan ou frigideira que se vê no brazão de armas da Villa de Certan, Portugal...

Ora, tudo isso dispensa o mais que numa *grammatica heraldica* se pôde ver (palas, bandas, quartéis, veiros, timbres, etc.) e basta a justificar a legitimidade heraldica de nossa bandeira, que nenhuma de taes regras quebrou, podendo-o fazer como symbolo novo, como armas à *enquerre*. E' o que podemos vêr pela descripção que vou fazer em linguagem heraldica, um pouco simplificada. Nossa bandeira é:

Campo de sinople ou losango de ouro carregado no centro de um globo ou roel azul com faixa de prata onleada obliqua da direita para a esquerda e 21 estrelas, das quaes 5 formam o Cruzeiro em pala (a passar no meridiano) e as mais estão acostadas a elle ou sobrejulgando-o ou sobrepujadas por elle, como em seguida se enumeram:

1.) Triangularmente se acham tres á esquerda e abaixo (*esquerda heraldica* e celeste) e uma pequenina a *polar* abaixo:

2.) Mais á e querda, oito da constellação de *Scorpius* e acima da faixa uma, a *Spica Virginis*; 3.) Abaixo da faixa e á direita, uma, *Procyon*, outra mais abaixo, *Sirius* e finalmente, mais abaixo, outra, *Canopus*, todas formando entre si um angulo muito obtuso. (*)

Seria abusar do pientissimo leitor — que não é *heraldo de armas*, nem *blasona* valentias heraldicas—si eu já e já não passasse á parte esthetica destas notas, sufficientemente alongadas...

De gustibus et coloribus non disputandum, sentenciavam os mesmos dialecticos da idade media. Nada se resolverá, si não forem assentados principios communs aos que se propõem a ventilar questões de gostos, de arte e de esthetica.

Si não accetamos uma base commum para a noção do bello, como chegaremos a um acôrdo sobre a belleza de uma obra de arte? Um monarchista e um republicano podem achar igualmente bella a Republica e suas instituições quaesquer? Como havemos discutir a belleza de uma bandeira com quem renega os liberaes, os largos, universaes principios que a instituiram?

Eu comprehendo e respeito os sentimentos, os motivos desse desgosto pelas cores, pelos symbolos novos da bandeira, assim evolutivamente melhorada. E' um de sentimento *ordem de conservação* que, ás vezes, se exaggera; persiste de mais e atraza o *progresso*. E' porém nobre, e é necessario em dose normal, como base de nosso aperfeiçoamento. Só *progride*, só se *aperfeiçoa* o que existe conservado e em ordem. *Conservar, melhorando*—é outra expressão do lemma de nossa bandeira. A resistencia de nossos adversarios e dignos irmãos na Patria, mostra assim praticamente a verdade de um lemma, o que seus habitos repugnam em nosso auri-verde pendão. Mas a vida é cheia de sacrificios continuos. O progresso antes de tudo é mudança—para melhor, é verdade,—mas sempre mudança que desarranja nossas *commodidades* nos-

sas imagens assentadas. Demos tempo ao tempo e uma activa resignação consolidará os animos, os sentimentos de nossos compatriotas e elles, talvez com mais firmeza que os novos, chegarão a ver melhor a belleza de nossa bandeira.

Todos os homens de bem convirão commigo em que as fontes de vera belleza, estão nos sentimentos bons, especialmente despertados. A arte tem por fim encantar e melhorar a especie humana commovendo-lhe o animo no que ahí houver de mais suave, de mais affectivo de mais nobre.

Para isto são necessarias imagens, que da realidade nos levem á alma as impressões commovedoras. Não é a simples representação da realidade que nos commove. Essa representação é impossivel sem o concurso da idealidade, do espelho subjectivo que forma, que reflecte as imagens. Tudo quanto concebemos e exprimimos é ao mesmo passo subjectivo e objectivo, ideal e real. O *pretenso realismo* ou *verismo* puro é as mas das vezes uma grossa immoralidade. Não ha verdade sem um cerebro que a conceba, que a *imagine* e a expresse com palavra colorida, impregnada de nossa subjectividade. Quem concebe, quem *trêdita*, necessariamente, fatalmente *idealiza*.

Porque então só idealizar para polir, rememorar baixezas, cultivando o male corrompendo nossos pendores bons? Só é arte o que idealiza para cultivar o bem, para aperfeiçoar-nos, para trabalhar em prol de outrem—da Familia e da Patria, da especie humana em geral. O bello existe sempre pelo bem e para o bem.

Mesmo quando a *verdade* não está assentada, a só emoção do bem nos leva a um *verdadeiro* que satisfaz. E' por isso que tantos adversarios se abraçam

no terreno das affeições bondosas, embora ainda degladiem em pontos de principios. Esse degladiar as mais das vezes fica esteril, mas o enlace fraternal, o cultivo dos affectos benevolos, o concurso *sympathico* é sempre cheio de beneficios.

Ora, ao som destes affectuosos e reaes principios ha brasileiro que renegue a belleza de um symbolo onde tão claramente, tão integralmente a Patria se encarna? Imagem bella é a que nos penetra e nos emociona com a lembrança de um objecto querido. Imagem bella é quadro que emmoldura no cerebro uma doce emoção e nos olhos ás vezes faz rorejar o fecundante orvalho de lagrimas.

Quem, longe da Patria, como eu expozer o aspecto dessa bandeira, é impossivel que se não interneça, deslembrando mesquinhas querellas de um partidarismo, que é sempre estreito.

Então se verá quanto os symbolos alevantados nos aperfeiçoam; então se reconhecerá quanto são nobres e bellos os symbolos da nossa bandeira.

Si, como dizem, o alevantado de suas significações ás vezes escapa aos espiritos menos atilados, certamente não lhes escaparão os symbolos *geographicos* que lembram as bellezas naturaes de Patria.

Estas a todos devem emocionar, pois sómente exigem as imagens simples que desperta em nós o simples amor ao berço natalicio.

Por amor de todos acabarei esta exposição mostrando como a lembrança do Amazonas, «*equador visivel*» symbolizado na faixa ondeanro—nos leva a uma rememoração completa do Brasil inteiro e de continente em que elle se engasta como preciosissima joia.

O systema fluvial do Amazonas pôde

(1) V. a figura que está no frontespicio de meu livro—O Descobrimto do Brasil.

prolongar-se realmente do Orinoco a Essequibo, na Venezuela e na Guiana Inglesa, até ao estuário do Prata. Pascal dizia que *les rivières sont des chemins qui marchent.* »

É isto ainda uma grande verdade, quaesquer que sejam os progressos ferroviarios e da viação em geral. Si melhorarmos nossos rios, vencendo corredeiras por meio de canaes ou ferrovias intermediarias, o Amazonas pôde fornecer-nos uma real imagem do Brasil inteiro e até de uma quadrupla ou quintupla alliança continental, em prol do *monroismo defensivo, pacifico*. No Rio Negro, pelo canal de Cassiquari, já chegámos á foz do Orinoco e pelo Rio Branco, por seu affluente o Tacutu, chegaremos naturalmente ao Essequibo, na Guiana Inglesa. Pelo Rio Alegre, affluente do Guaporé, ou por um affluente do Alto Tapajoz, e pelo Aguarapêhy, affluente do Juruá ou pelo Ciayabá, ambos do Paraguay — é concebível physicamente uma comunicação fluvial ininterrompida, do Norte ao Sul do nosso continente e graças ao nosso incomparavel Amazonas, que a faixa da bandeira caramente recorda.

Si esta imponente imagem physica ainda não satisfizer a alguns adversarios de nossa bandeira, só nos resta esperar melhores tempos e cada vez mais dedicar nossos esforços em prol da instrucção popular. Que meus bons alumnos me substituam melhormente nessa tarefa, que terei de afrouxar em breve.

Assim, a bandeira fica sendo para todos nós um motto sagrado, que nos impulsa a uma continua dedicação pelo porvir de nossa terra, pelo porvir de seus dignos filhos.

Quando taes esforços forem coroados de um merecido triumpho, estou certo de que todos os nobilissimos symbolos da bandeira serão por todos consciencientemente estimados.

Muitos talvez não possam então comprehender como o acerto, a legitimidade e belleza de taes symbolos chegaram a ser asperamente discutidos nos tempos actuaes.

Felizmente, a viridente esperança nunca deixará de nos fazer preluir os aureos tempos do porvir.

Por elle trabalhemos e nelle esperemos sempre.

S. Paul, — novembro — 1907.

JOSÉ FELICIANO.

As commemorações civicas e a educação moderna

(*Simple observations a meus alumnos*)

A difficuldade essencial da Educação moderna está representada no dualismo, que caracterizou a educação na Grecia antiga, ao tempo das hegemonias rivaes de Athenas e Esparta. Esta, no dizer de Aristoteles, tendia a formar brutos ferozes e aquella requintava em polimento (1). De Athenas atravez de Roma herdámos os progressos e apuros estheticos, que se traduzem nas expressões *atticismo*, *eurythmia* ou proporção e *entrappelia* ou graça, *urbanidade*. Veiu da educação de Esparta o *athletismo*, a *gymnastica*, o *esportismo*.

Todos esses resultados, todas essas formas educativas tenderam a degenerar, porque se não combinaram harmonicamente. Embora os dois systemas visassem a formar bons cidadãos, sua pratica isolada produziu effeitos deploraveis. O methodo espartano produziu machinas de musculos, brigões e rapinadores. Do atheniense provieram as cerebrações fluctuantes dos puros literatos, dos embocados e chocarreiros.

Entretanto a mesma Grecia deunos classicos exemplos dessa possivel combinação. Nosso tempo não tem razão para estar nutante entre as duas formas extremas. A

antiguidade classica já nos mostrou que a verdade está na coordenação moral desses dois methodos, do physico e do intellectual. Os *jogos olympicos* estabeleciam a feliz combinação dessas duas faces do dualismo educativo, e adjuntavam-lhe, em parte o liame coordenador de uma verdadeira moral (2). É tradição que ahi Herodoto, o pae da historia, leu seus nove livros, caracterizados depois pelos nomes das nove Musas. E é certo que Pindaro foi o poeta que lhes cantou as victorias, com rara elevação moral. De sua primeira ode olympica tiramos este trecho, segundo a traducção de José Bonifacio, o velho:

« Si morrer devemos,
Porque debalde alguém gastar a vida
Inglória quererá no escuro seio
D opprobrio, não cuidados
Das heroicas açções? »

Ora, a mim me parece que as *commemorações civicas* vêm preencher essa falha; vêm moralmente coordenar a dualidade physico-intellectual. Nellas se podem associar todos os aspectos da dupla educação, subordinando-os ao fim altamente moral das festas patrioticas.

(1) Muito se aproveita lendo o que Aristoteles sobre a educação escreveu em sua *Politica* (liv. VII e liv. VIII).

(2) Basta notar que esses jogos determinavam as chamadas *treguas sacras* entre todos os inimigos e eram celebrados com ceremonias religiosas (sacrificios, procissões, etc.).

Ellas representam a «formosa urbanitas» a *venustas ac dignitas* dos Romanos, que assim desenvolveram e civicamente completaram o atismo intellectual dos gregos (2).

A França, lidima herdeira das tradições romanas, ao tempo de sua Grande Revolução, deu-nos, com moventes episodios dessas festas completas. Suas *federações*, suas ceremonias ante o altar da Patria são exemplos de commemorações civicas, em que o elemento moral, religioso, coordena as manifestações do elemento physico e do intellectual.

Conviria, pois, systematizar nossas commemorações, compondo-as de jogos e de manifestações estheticas, sujeitas a um objectivo patriótico. A festa poderia constar; 1.º) da parte esthetica e civic; 2.º) de uma parte gymnastica, esportiva ou callisthenica, subordinada a um programma com aspecto patriótico, urbano, delicado; 3.º) um hymno final, precedido ás vezes de uma recitação poetica.

E porque não fazer peregrinações aos lugares historicos, a uma campina risonha, ao descortinado, amplo horizonte de uma planura, onde, ao ar livre, as bellezas da Patria fossem cantadas, ao som de hymnos festivos, ao rhythm de poesias selectas?

Dessas commemorações, além do proveito hygienico, harmonicamente salutar, derivam muitos resultados educativos, que podem ser encarados sob o aspecto moral, patriótico e humanitario.

(2) LATINO-COELHO. (*Oração da Corôa*) Nota, com Cícero que a *venustas* (formosura) das estatuas gregas corresponde a *dignitas* dos romanos. Não diríamos hoje que esta completa aquella como a energia varonil completa a feminina ternura *venustas ac dignitas*.

Moralmente, isto é, quanto ao sentimento, as verdadeiras commemorações civicas, as que não servem de pretexto para diversões futeis, devem directamente desenvolver a veneração, tão necessaria, tão preponderante na vida civic. A veneração é necessaria para haurir no passado os melhores ensinamentos para os praticar no presente, sob o respeito de auctoridades reaes, e para merecer a glorificação respeitosa dos porvindouros gratos.

Quanto ao desenvolvimento do patriotismo, é completo o valor de taes festas, quando um largo sopro de fraternidade as anima e quando o estreito partidario não as afoga em suas abafadissimas malhas. A união civic então largamente se desenvolve; a solidariedade entre os contemporaneos se torna mais sensivel, mais apertada e as tradições patrias, visivelmente reatadas, ficam mais intensas, mais efficazes.

A Nação torna-se mais forte, quando sente suas forças e as cultiva com o intenso desejo de as desenvolver. Cortejar o passado, ser urbano, civic, delicado com os mortos, só desenvolve sentimentos bons. Nenhuma bajulação, nenhuma baixaza pôde haver em exaltar os grandes do passado, quando nenhum interesseiro partido do presente nos está forçando a taes encontros. Assim é que apprendemos a respeitar os grandes actuaes, sem lhes sacrificarmos nossa dignidade.

Finalmente, o civismo que estas commemorações desenvolvem po-

de ser completado com o surto de uma sympathia geral por ouros povos, donde procedem as estheticas riquezas, de que nos utilizamos em nossas festas. Além disso, quem na Patria sua respeita as tradições, os factos grandiosos, é levado a respeitar na alheia os casos analogos. Só o egoismo nativista é que affecta venerar em seu paiz as tradições e grandezas que desrespeita em solo estrangeiro. Não ha sinceridade em votar sentimentos oppostos a coisas igualmente venerandas. Por isso convém de todo em todo afastar destas commemorações as criticas assanhadas, com que se pretende alcandorar o solo patrio, denegrindo adversarios nossos ou deturpando alheias patrias. Não é pela sanha que se demonstra o amor e nem é com a linguagem daquella que este se manifesta.

Não discutamos as coisas da patria com as detracções do odio, e elevemos cada vez mais suas tradições com a celebração de suas grandezas. Não escolhamos epocas a commemorar com as preocupações de um partido preconcebido, com as prevenções de uma ogeriza, de uma opinião pessoal.

Si nossas commemorações com tal espirito se mantiverem e se desenvolverem, poderemos acenar-lhes com resultados eminentemente educativos. E isto porque — 1.º) cultivam nossos melhores, mais largos sentimentos e afastam os mais subalternos; 2.º) evitam as occupações e preocupações malsãs, que a epoca actual por todos os lados nos está offerecendo.

Este civismo esthetico e esclare-

cido, pratico e civic, é que ha de reatar em nossa raça as sãs tradições grego-romanas, já bem concaenadas na corrente historica da chamada civilização latina.

« Nós os povos latinos, como bem disse FERRERO, temos sufficientes meios para continuar a desenvolver brilhantemente, com originalidade, a civilização nossa. Preciso é, porém, que não descoroçemos, que não vivamos a nos espicar naturalmente. E preciso que saibamos tirar ás culturas rivaes o que nellas houver de bom e de forte, mas sem desnaturar nosso genio sem lhe estirpar a intima fibra original. »

Eliminemos discordias, discussões caprichosas, vaidades irritantes e irritadas na vida social, na vida civic, na domestica, na pessoal.

São as discordancias mesquinhas que nos roubam o melhor de nosso entusiasmo, de nossas energias, de nosso tempo. Appliquemos nossas forças em trabalhos convergentes, constructivos. Fugamos á critique mesmo quando parece uma salutar reacção de nossas idéias constructivas. E' construindo, construindo, construindo sempre que reagimos contra as destruições quaesquer.

Commemoremos nossas tradições communs e voltemo-nos sempre caroavelmente para o passado civic, para o universal. Commemoremos o passado para continual-o, para melhor nos unirmos no presente, para nos unificarmos inteiramente no futuro.

S. Paulo — novembro

1607.

JOSÉ FELICIANO.

A festa da Bandeira

E' o mez de novembro o nono do primitivo anno de Roma e o ultimo do de estudos, nas escolas publicas do Estado.

E' o mez em que se apuram os conhecimentos adquiridos, recompensando os esforços dos que foram cumpridores de seus deveres e condemnando a negligencia dos que deixaram correr desaproveitado o tempo.

Ha nas creanças *alegria e tristeza* — uma pela sancção final do merito e outra, pelo remorso, que conturba a consciencia.

Foi uma nobre emulação que conduziu ao jubilo pela verêda do dever: foi uma trahidôra inactividade que provocou o arrependimento ou o pezar amargo e reflexivo da alma que fez o mal e deseja remedial-o: uns foram laureados pelos applausos da propria consciencia e outros foram punidos por suas proprias culpas.

A approvação afinal do alumno é a synthese de todos os louvores que mereceu, durante o anno lectivo, a sua conducta mental e moral.

A reprovação é a synthese de todas as censuras; é a pena final.

O mez de novembro é o mez das syntheses para quem estuda e para quem ensina.

*
*
*

Foi tambem um mez de synthese para os propagandistas da Republica.

A Republica não se separa nem

se distingue da Nação, porque a Republica é a propria Nação: a Republica synthetisa a Patria.

Ha, porém, occasiões em que a Patria precisa ser levada a regiões longinhas sob a guarda de seus filhos.

E' preciso, ás vezes, fazel-a surgir no borborinho das festas e no meio do riso, assim como no meio das dôres e do lucto.

E' ainda o mez de novembro o mez da Bandeira, que é o symbolo da Patria.

A dezenove de novembro de 1889, foi decretada, pelo Governo provisório, a actual Bandeira da Republica.

O dia dezenove de Novembro é, pois, o nosso *flag-day*, é o dia da Bandeira.

Como symbolo de amor e de sympathia, o pavilhão nacional merece muito respeito e muita adoração.

O culto da Bandeira é uma das manifestações mais formosas e mais perfectas do patriotismo.

Os norte-americanos, cujo timbre é a exquisitez nas concepções, consagraram um dia do anno ao culto da Bandeira.

Além desse, outros paizes dos que se destacam no mundo pelas suas instituições de ensino, como a Belgica e a Suissa, já converteram essa festa em tradição, nobre tradição certamente, destinada a enraigar nas creanças o amor pelo pavilhão nacional e fazer comprehendel-o, onde quer que esteja.

Em nosso paiz, nunca se cogitou

de semelhante processo de cultura civica.

Apenas agora é que o sr. professor João Lourenço Rodrigues, inspector geral do ensino, se lembrou de instituir nas escolas publicas do Estado, o *dia da Bandeira*, que é o proprio dia dezenove de novembro, em que foi ella decretada pela Republica.

Os meninos devem festejar o pavilhão nacional como si celebrassem um culto.

E' um interessante meio de fortalecer o amor á Patria.

Estamos crentes em como, aqui em nosso estado, a homenagem á Bandeira fará perpetuar, nas creanças, os nomes dos professores, que iniciaram tão agradavel festa.

*
*
*

Ha já um anno, os srs. dr. Oscar Thompson e o professor Gomes Cardim a tentaram nas escolas annexas á Escola Normal.

Todas as classes da secção feminina e da secção masculina dessas escolas tomaram, nesse dia, um aspecto alegre e festivo e se consagraram á Bandeira Nacional.

Em todos os quadros negros, achavam-se desenhados, a giz de côr, os dois estandartes do Brazil — o antigo, o da monarchia, e o novo, o da Republica.

Os professores, em phrases fauceis e claras, fizeram o confronto entre um e outro desenho, justificando o que num existia e o que noutro deixou de existir e foi substituido.

Nos *primeiros annos*, em que as creanças começam os primeiros pas-

sos para a composição, cada alumno recitou um *trecho* referente ao dia 19 de novembro.

Esses trechos foram organizados pelo sr. Gomes Cardim, incansavel inspector das escolas annexas; e, postos numa ordem successiva, formariam um longo discurso sobre a Bandeira Nacional.

Desenvolveram, as creanças com muita facilidade, com muita intelligencia, um assumpto, que lhes seria difficil por outra forma.

No *segundo anno*, as creanças fizeram *copia* de fragmentos analogos á Bandeira ou á data 19 de novembro.

No *segundo supplementar*, tambem houve *copia* de uma composição referente á data.

No *terceiro anno*, o professor fez um *dictado* de um capitulo sobre o pavilhão nacional.

Do *quarto anno*, preliminar em diante, como os alumnos já têm noção de redacção e de estylo, a comemoração escripta foi uma reprodução individual das prelecções dos professores.

No *curso complementar* não se limitaram, apenas, os alumnos a reproduzir as explicações, que ouviram: alguns fizeram estudo previo e discorreram patriotica e eloquentemente sobre o thema do dia. Em todas as classes da escola, essa commemoração escripta occupava toda a segunda parte do programma organizado.

A primeira parte do programma era entrecortada de poesias e de paginas patrioticas, como — *Minha Terra, A S. Paulo, Patria livre, Ao Brazil, Sete de Setembro, O Supplicio de Tiradentes, A Republica*

ca, *Um Episodio da Guerra do Paraguay*, etc.—e amenizada por canticos harmoniosos ou psalmos em louvor ás nossas glorias e datas.

A ornamentação de cada sala ficou a cargo de uma commissão eleita no principio do anno, sob a fiscalisação do respectivo professor.

Em todas as salas, a Bandeira occupava um lugar de honra, qual um idolo em altar; em algumas, achava-se mesmo em um verdadeiro nicho formado de ramagens e flores,

Era canto obrigado o—*Hymno á Bandeira*—laconica mas expressiva composição musical de Francisco Braga.

Parece que o sr. Braga em seus sonhos de artista já estava prevenido essa reacção da escola contra o indifferentismo do povo para com o auri-verde estandarte de nossa Patria.

S. s. escreveu mesmo para creanças não descuidando, comtudo, da fórma pois a sua agradável musica lembra a escola classica allemã, a patria de Wagner: s. s. escreveu em estylo allemão. A musica cabe bem á letra do festejado poeta Olavo Bilac, que, si não possuísse

ainda reputação literaria, seria sagrado o primeiro pelas suas poucas—infelizmente!—estrophes em que canta as bellezas e coisas da Patria.

Em cada sala, os alumnos, ao som do *Hymno á Bandeira*, desfilavam pela frente ou ao redor do pavilhão, jogando-lhe flores. Faziam-lhe ao mesmo tempo continencia e saudação.

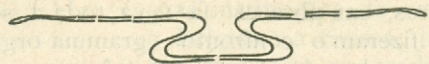
Eis no que consistiu, nas escolas annexas, a primeira festa á Bandeira Nacional e como a conceberam os directores do estabelecimento.

Depois de julgadas pelo professores as composições de suas respectivas classes—era a melhor de cada uma dellas entregue ao archivo da escola junctamente com o programma, ou sómente para ser conservada ou para ser premiada.

Está, pois, introduzido entre nós esse processo de cultura civica.

Temos agóra, o nosso *flag-day*.

Urge que o sr. Inspector Geral do Ensino o leve bem longe, mesmo até para fóra das fronteiras do nosso Estado, por uma propaganda tenaz e constante.



PROGRAMMA

DA

Commemoração civica em uma das classes da escola modelo anexa á E. Normal

PRIMEIRA PARTE

CANTO

Hymno Nacional—côro pela classe.
Prelecção — pelo professor da classe.

CANTO

O Batalhão—côro pela classe.

DECLAMAÇÃO

A Liberdade—pelo alumno José Coelho.
Flôres—pelo alumno João Cardim.

CANTO

Hymno ao Estandarte—côro pela classe.

DECLAMAÇÃO

O Immortal—pelo alumno Raul Ferreira.

Hymno á Republica—côro pela classe.

A Cruz—pelo alumno Luiz de Castro.

DECLAMAÇÃO

Na despedida—pelo alumno Roberto Gonçalves.

CANTO

Hymno á Liberdade—côro pela classe.

MARCHA TRIUMPHAL

Hymno á Bandeira—côro pela classe.

DECLAMAÇÃO

Como são os genios—pelo alumno Alberto de Almeida.

Scisma do caboclo—pelo alumno Annibal Gonçalves.

(Os alumnos desfilarão em continencia á Bandeira, que está arvorada na classe, e lhe atirarão flôres).

SEGUNDA PARTE

Commemoração escripta — reproducção da prelecção do professor.

CANTO FINAL

Emastremos á cantiga — côro pela classe.

PEDAGOGIA PRÁTICA

PAGINAS CIVICAS

I

O PRESIDENTE DA REPUBLICA (*)

— « Não desceu hontem do morro do Inglez s. ex. o sr. dr. Prudente de Moraes. »

Ora, Papae, tenho, mais de uma vez, lido isto no jornal.

Porque é que dão esta noticia ?

E' alguma coisa importante ?

— Sim, meu filho, é sempre uma coisa importante um homem deixar de fazer o que deve fazer.

— E o sr. dr. Prudente de Moraes tem, então, sempre, que descer do Morro do Inglez ?

— Sempre, não. Nos dias marcados para audiencia publica no Itamaraty, e para despacho em conferencia com os seus secretarios, os *ministros*, sobre negocios do Estado.

— Mas, Papae, si eu te dis-

ser que não sei quem é o sr. dr. Prudente de Moraes ?

— Não sabes, Alvaro, quem é o Presidente da Republica ?

— Isso, sei, sim, senhor; mas não sei o que é que um Presidente da Republica tem que fazer; e, por isso, não entendo porque é que se repara quando elle fica um dia em sua casa.

— Ah! Compreendo o teu embarço. Pois olha: um Presidente da Republica tem que fazer o que eu tenho que fazer como presidente de nossa casa. Entendes agora ?

— Mas, porque é que os jornaes não dizem nada quando tu estás doente e não podes fazer o que tens de fazer ?

— Porque eu sou presidente

desta casa só, e elle é presidente de todas as casas do Brazil, meu filho.

— Não entendo, Papae.

— Vais entender. Porque é que as nossas portas têm ferrolhos, fechaduras e trancas ?

— Para que fiquem seguras.

— E porque é preciso que fiquem seguras ?

— Para não entrarem os gatinhos e quem a gente não quer.

— E porque é que os gatinhos não as arrombam ?

— Porque a policia não deixa.

— Não deixa aqui na nossa casa ?

— Não deixa em nenhuma.

— E tu conheces a policia ?

— Pela farda, conheço.

— Mas sabes os nomes dos guardas e tens relações com elles ?

— Não, senhor.

— Já me viste pagar-lhes, como pago aos criados, pelos serviços que nos prestam ? Retribuir o seu trabalho, como retribuo aos mestres, que te ensinam ?

— Não, senhor.

— Então, porque é que elles guardam a nossa casa, alli a do dr. Alencar, a do sr. Medeiros, a de todo o mundo?... Olha. Estão concertando a rua. Quem é que mandou fazer os

concertos ? Não fui eu, nem o dr. Alencar, nem o sr. Medeiros, nem ninguem. Quem é que paga o carteiro, que

todos os dias traz as cartas e os jornaes ? Tu queres ir a S. Paulo, por exemplo, e achas estradas. Quem as abriu ?

Quem as conserva ? Si de S. Paulo quizermos ir a Matto Grosso e a gente de Matto Grosso não nos quizer deixar

abrir uma estrada, quem é que decide si nós temos o direito de a abrir, ou os Matto-

grossenses o de se opporem ? Si alguns dos nossos visinhos

— os Uruguayos, os Argentinianos, os Bolivianos, os Peruvianos, os Colombianos, os

Venezuelanos, ou os Paraguayos — atacassem o Brazil, nós e todos os brasileiros, não estariamos em perigo ? Quem nos defenderia ? Quem foi que tractou de reaver a ilha da

Trindade, que os Inglezes occuparam como sua e que é nossa?... Todas estas perguntas te devem ter feito pensar em que ha alguem, que tracta de tudo isto, e, portanto, de nós todos, enquanto cada um tracta de si e de seus negocios particulares.

Eu tracto da nossa casa e o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

ou o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

ou o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

ou o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

ou o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

ou o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

ou o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

ou o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

ou o sr. dr. Prudente de Moraes ou o Presidente da Republica

(*) João Köpke — *A Grande Patria*,

tracta de todas as casas do Brazil, isto é, da Nação Brasileira.

— Isso é impossível, Papae. o Brazil é tão grande!

— E também não é tão grande a nossa casa? Eu não tracto da cosinha, da dispensa, da roupa, dos quartos, da meza, da sala de visitas, de ti, de teus irmãos?

— Sim, mas com a Mamãe.

— Pois bem: e só eu e a Mamãe não tractamos de tudo?

— Mas vocês têm empregados.

— E quem é que dirige, que dá ordens aos empregados para fazerem tudo do melhor modo; que vê que essas ordens sejam cumpridas, afim de haver asseio, commodo e felicidade na casa?

— Tu e Mamãe.

— Já vês que não é impossível *dirigir, dar ordens, fazel-as cumprir, governar*, emfim, só porque a casa é grande.

— O sr. dr. Prudente de Moraes é casado?

— E', mas a sua senhora só o ajuda a governar a propria casa. As dos outros — a Nação Brasileira, que as dos outros formam — O Brazil inteiro, esse, elle o governa com auxilio de muita gente. Faze ideia Alvaro, quanta é precisa para

o serviço dos vinte Estados, desde o Amazonas até ao Rio Grande do Sul, e muitos delles muitas vezes maiores do que muitos paizes do mundo!

— Mas porque é que é o sr. dr. Prudente de Moraes que governa, por exemplo?

— Respondo-te com outra pergunta: porque que é que a Mamãe e eu é que governamos esta casa, e não é o dr. Alencar nem d. Carolina ou o sr. Medeiros e d. Hortencia?

— E' bôa! E' porque tu, que és o pae, e a Mamãe, a mãe da familia.

— Achas, então, que temos o direito de governar porque somos pae e mãe?

— De certo.

— E si não fossemos pae e mãe, porque não tivéssemos filhos, o que é que governariamos? Nada?

— Não, senhor: a casa.

— Com que direito? Porque?

— Homem essa! Porque a casa é de vocês.

— Quererás dizer com isso que é porque, sendo nossa, ninguem a pode governar melhor?

— Pois é.

— E sendo então, precisa uma pessoa, que governe todas as casas do Brazil, defendendo a nossa terra, e tractando do

seu bem-estar e progresso, a quem é que se deve dar o governo?

— A' melhor pessoa, não é?

— Sim: *à pessoa mais digna*.

Mas, como se ha de saber qual é?... Quem ha de dizer?... Eu?... O sr. Alencar? O sr. Medeiros?... Quem?... Escuta só. O que fazes quando queres ter certeza de que uma coisa, que desejas comprar, é realmente, a melhor que podes comprar?

— Pergunto a ti, á Mamãe, á Chiquinha...

— Pedes a opinião de cada um, não é?

— Sim, senhor.

— E, como ficas sabendo que é a melhor?

— E' a que mais gente disser que é.

— Perfeitamente. Cada um deu o seu *voto*, e o maior numero de votos *elegeu* a coisa, que deves comprar. Fizeste, assim, a tua escolha. Póder-se-ia também assim saber quem é o mais digno de governar o povo brasileiro?

— Poder-se-ia, sim, senhor. Perguntava-se a todos os brasileiros.

— E é isso justamente o

que se faz, quando ouves dizer que ha *eleição*. Como deve, então, ter sido encarregado de governar o Brazil o sr. dr. Prudente de Moraes? (1)

— Por *eleição*.

— Accrescenta: *do povo Brasileiro*, que lhe deu 290883 votos a 1 de março de 1894.

— E, antes d'elle, quem é que governava?

— O sr. Marechal Floriano Peixoto. (2) Olha. Aqui tens, neste album, o retrato dos dois: aqui o dr. Prudente; aqui o marechal Floriano.

— Quando foi eleito presidente o marechal Floriano?

— Não foi eleito presidente, Alvaro; foi eleito vice-presidente, a 25 de fevereiro de 1891.

— E porque é que governou, então?

— Muito naturalmente. Quando se elege um presidente, elege-se também um vice-presidente, que preside ao Senado, e governa quando falta o presidente, por molestia ou morte ou outro impedimento.

— E o presidente faltou ou morreu?... Quem era?

— O que vês ahi ao lado do

(1) *Galeria de Historia Brasileira*; ed. Garnier, pag. 110.

[2] *Idem, idem*; pag. 108.

marechal Floriano, no album—o marechal M. Deodoro da Fonseca, (1) eleito no mesmo dia, em que foi o marechal Floriano, pelo Congresso Nacional.

— Ah, estes, não foram eleitos pelo povo!

— Indirectamente foram, Alvaro, porque o Congresso Nacional foi eleito pelo povo brasileiro, a 15 de setembro de 1890, e elegeu, em nome d'elle, o primeiro Presidente e o primeiro Vice-presidente da Republica. Chama-se mesmo a isso uma eleição *indirecta*, isto é o povo escolheu alguém que escolhesse. Agora, porém, o povo mesmo escolhe: a eleição é *directa*.

— E o que é o Congresso Nacional?

— O Congresso, Alvaro, são os *Senadores* e os *Deputados*, isto é, os homens que o povo elege para fazer as leis com que o Presidente da Republica governa o Brazil. Não te parece que o povo, não podendo abandonar os seus trabalhos desde o Amazonas até ao Rio Grande do Sul para, em dia e lugar certo tractar dos negocios que interessam a todos, tem assim um meio de governar o paiz?

— Então também ha eleição de *Senadores* e *Deputados*!

— Ha, sim, e mais outras, porque, si o paiz é do povo, elle é que tem o direito de fazer as leis, que o governem, e de escolher quem as execute para ser feliz como é da sua vontade.

— E porque foi que o marechal Deodoro, que foi eleito, não governou?

— Quem te disse que não governou? Governou até 23 de novembro de 1891.

— E só foi eleito para governar... espera... Um, dois, quatro, oito... quasi nove meses?

— Não; foi eleito para governar até 15 de novembro de 1894: os outros presidentes são eleitos para governar por quatro annos.

— E porque não governou?

— Porque houve uma revolução contra elle e elle deixou o governo ao Vice-presidente, que occupou o lugar até ao fim do prazo,

— E porque é que houve revolução?

— Vais comprehendelo, meu filho... Mas olha: são nove e meia; devo almoçar, sinão perco o bonde. Amanhã, pela manhã, te explicarei o que queres saber.

ELECTRICIDADE

SUAS IDEIAS FUNDAMENTAES E SUA APPLICAÇÃO TECHNICA

(Continuação)

IX

— De modo bem simples. Ha, entre os metaes magneticos e suas ligas, alguns que perdem facilmente o magnetismo, isto é, cessando a força excitadôra do magnetismo, cessa rapidamente a intensidade rotatoria das moleculas e estas se desarranjam em sua posição especial para o magnetismo.

Contribuem para isto os choques contra a peça metallica e a esta classe pertence, por exemplo, o *ferro doce batido*. Ha, porém, outros que conservam a posição rotatoria com uma certa força: por exemplo, o *aço temperado*. Deste material se fazem, por isso, os imans permanentes. Em regra, aquelles se embebem mais facilmente de magnetismo; estes, mais difficilmente; porém, uma vez acceito este, o seguram mais firmemente.

— Bom, tudo isso parece muito bonito, mas ainda não me dou, de todo, satisfeito.

— Então, porque não fazes as perguntas necessarias que te sugerem as duvidas?

— Ora, como é que já se conheciam os *magnetes* ha muito tempo, antes de se suspeitar de *correntes electricas*, que, como dizeis são as geradores do magnetismo.

Ha seculos que se conhece a *pedra de ferro* (mineral) *magnetica*, bem como *imans de aço* em uso—ao passo que a corrente electrica data de um seculo.

— Portanto, já existiam antes os *magnetes*?

— Parece, de facto, que isso se dá. O *primeiro magnete* foi a nossa Terra; esta magnetizou o mineral *de ferro* pelas correntes externas ou linhas de força, que vão do polo norte ao polo sul—assim como magnetisa ainda hoje qualquer haste de ferro ou de aço que é posta na direcção norte-sul.

O facto de se tornar uma agulha de aço um *magnete* cada vez mais permanente por meio de passagens repetidas da pedra magnetica em certo sentido sobre ella—fazendo assim melhor accommodação das moleculas—foi uma descoberta casual.

— Bom e não ha duvida. E a Terra, com é que ella se tornou um *magnete*?

— Tornou-se um *magnete* por meio de correntes electricas que permanentemente, no seu interior, circulam e principalmente na direcção do equador.

São essas correntes geradas pelo aquecimento alternado da sua superficie e o aquecimento é resul-

(1) Galeria de Historia Brasileira, ed. Garnier, pag. 108.

tante da sua rotação ao redor do sol.

—Estou satisfeito : tenho disso um vaga ideia e vejo que desapareceu a minha principal dúvida sobre o magnetismo.

Agora só me falta a explicação do seu effeito nas machinas para gerar as correntes electricas.

Nada mais facil: essa explicação resulta das consequencias que podemos tirar das hypotheses feitas até agora e resultantes da theoria de Maxwell.

Voltemos, porém, á figura n. 2.

Consideremos ahi uma unica molecula de attricto entre as moleculas materiaes a_1 e a_3 , isto é, entre o lado direito rotativo de a_1 e o esquerdo de a_3 . A primeira, que deixaremos actuar com superficie aspera, terá a tendencia de arrastar consigo a molecula de attricto em seu movimento para baixo. Ora, si essa molecula de attricto tender a fazer o mesmo em sentido contrario, isto é, para cima—não só não mudará de logar desde que sejam identicas as velocidades de rotação de a_1 e de a_3 como ainda adquirirá movimento de rotação. No momento, porém, que um lado (a_1) ródre mais velozmente do que o outro, a differença de velocidade fará que se opere uma deslocação da molecula de attricto na direcção do movimento mais rapido, portanto, para cima, no nosso caso.

Facilmente te convencerás de exactidão do movimento indicado da molecula de attricto pela seguinte experiencia: tomemos um lapis e que elle represente a

molecula de attricto; que as minhas mãos abertas representam os lados de rotação de a_1 e de a_3 que convergem um para outro. Presta muita attenção á posição do lapis, ao seu movimento no espaço, quando eu movo as duas mãos, ambas com a mesma velocidade, uma para baixo e outra para cima, e quando eu, em outra vez, movo apenas uma das mãos.

Nos conductores electricos póde haver uma deslocação ou circulação das moleculas de attricto ou uma corrente dessas moleculas, conforme se disse e se esclareceu á cima. Suppondo que aquella differença seja conservada, haverá um circuito constante no conductor.

Agora, tractemos de expor o conductor com as suas moleculas de attricto ás taes differenças na velocidade de rotação magnetica.

Isto póde ser executado de duas maneiras.

Primeiro.—Faço girar sem cesar uma corrente nas proximidades de um conductor. Sae do conductor — segundo as considerações relativas á figura 9 e semelhantemente aos anneis ondulatorios produzidos no logar onde joguei uma pedra em agua calma — uma onda *electro-magnetica*. Esta, si attingir passageiramente a um outro conductor, suscitará ou induzirá uma corrente que não perdura, pois desaparece de modo analogo, isto é, de modo ondulatorio, correspondente á onda electro-magnetica.

Esta especie de indução tem

papel proeminente nos transformadores de corrente alternativa.

Segundo.—Podemos inverter o processo e não deixar em repouso o conductor e nem o fazer transpassar-se pela onda electromagnetica, mas, si fazendo-o passar por um *magnete* em repouso.

Considerando o facto, vê se que a consequencia é a mesma que resultaria de um calculo numerico relativo á acção da rotação, isto é, que, no conductor em movimento é induzida uma força electromotora; —exercida sobre as moleculas de attricto ou a electricidade do conductor, uma pressão na direcção do mesmo conductor, quando o conductor se move em direcção perpendicular aos filamentos magneticos, cortando-os portanto, em sentido transversal.

Essas machinas, que têm de produzir a circulação da electricidade ou que têm de produzir uma corrente electrica, por meio de um movimento apropriado do conductor nos campos magneticos, chamam-se *machinas de força electrica*; mas, como a muitos o nome grego parece mais bonito, denominam-se tambem *machinas dynamo-electricas*, ou, ainda, simplesmente—*dynamos*.

São, portanto, machinas nas quaes, pelo emprego de trabalho mechanico se produz o movimento de conductores, dispondo-os de modo conveniente, atravez de um forte campo magnetico e assim obrigam a electricidade a circular dentro de um circuito fechado.

Estas machinas têm por fim, exprimindo-me scientificamente, trans-

formar *energia mechanica* em *energia electrica*.

Para a construcção dessas machinas, surgem os seguintes problemas:

Primeiro: — Creação de um forte campo magnetico, isto é, de um espaço no ar, no qual os filamentos de moleculas de ar são obrigados a ir de um polo a outro, rodando com grande intensidade.

Segundo: — Uma disposição conveniente das partes do conductor, de maneira que, movendo-se dentro daquelle espaço de ar magnetizado, é gerada no conductor uma corrente electrica. Dando-se o facto de ser para as machinas, o movimento rotatorio o mais commodo, foi elle escolhido para a construcção de machinas.

Quanto ao primeiro ponto, isto é, quanto a produzir um campo magnetico, póde-se escolher o arranjo de diferentes modos; mas a todos é accessivel e commum a seguinte solução simples.

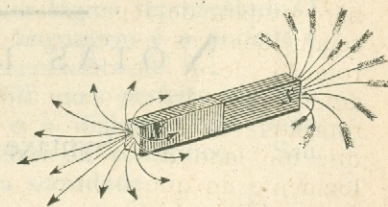
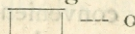


Fig. 10

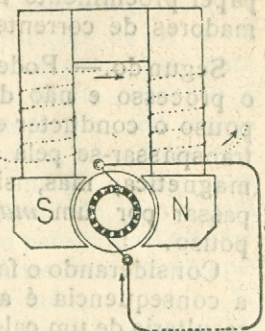
Em cada electro-magnete em forma de haste, assim como em todos os magnetes permanentes (Fig. 10) devemos imaginar aquelles filamentos rotatorios ou linhas de força transpassando o interior do magnete.

Como nos mostra a figura numero 6, elles se unem por fóra, no ar, fechando-se e isto uniformemente de todos os lados, porque aquella resistencia citada do ar é igual em todos os sentidos, sendo o magnete, na figura 10 e na figura 6, recto e extenso.

Admittindo-se agora um magnete que não seja recto, mas sim contendo duas voltas rectangulares — portanto na forma  — os polos estarão muito mais aproximados e a resistencia magnetica de um lado está fortemente diminuida e, de outro lado, muito augmentada; a ligação dos filamentos que saem dos polos e as linhas de força se darão muito mais intensamente entre os polos e ali se produzirá um forte campo magnetico.

Desenhando, schematicamente, a disposição de uma tal machina, apparecerá ella como nos mostra a figura numero 11.

Fig. 11



Os polos, munidos de *tacos* apropriados ou *sapatas polares* do magnete em forma de ferradura, estão designadas pelas letras N e S.

As pernas do magnete são excitadas por um arame enleado nas mesmas, o que quer dizer que uma corrente electrica, que atravessa o arame na direcção indicada pelas flechas, transforma a armação de ferro em um electromagnete com os polos indicados e gera entre estes um campo magnetico.

A.

NOTAS DE PORTUGUEZ

Syntaxe geral e portugueza

I

Syntaxe:—definição; seu papel principal e fins da grammatica; sua divisão: syntaxe das proposições e do periodo, importancia desta.—Oração, sentido lato e stricto; o juizo, acto complexo, resultado de varias funcções da alma.—Expressão do juizo; isolada, combinada. — Fim dessa expressão. — Theoria do dialogo.

A palavra SYNTAXE deriva-se de um vocabulo grego, cuja traducção é—EU COORDENO, EU CONSTRUO. O seu fim é a construcção. E, como em todas as linguas as construcções são o fim da lin-

guagem, segue-se que a SYNTAXE é o fim da GRAMMATICA. Dahi a sua classificação em ultimo lugar neste ramo do saber humano. A *língua*, pois, partindo dos sons chega ás *construcções*, por interme-

dio das *formas*. Sem sons não podem haver *construcções*, da mesma arte que sem *construção* não podem haver *juizos* e sem *juizos* se não pode conceber *língua*.

A *syntaxe* estuda a *coordenação das palavras*, constituindo os *juizos*.

Ha duas especies de *syntaxe*: *syntaxe das palavras* e *syntaxe das proposições*.

A primeira é ideal. É um simples preparativo para a construcção, por isso que nós não nos communicamos por meio de palavras isoladas e sim por suas combinações.

Assim como a phonologia estuda os sons combinando-os em vocabulos, a *syntaxe* estuda as palavras coordenando-as em sentenças.

A *syntaxe* é a parte mais importante do discurso, como constituindo a synthese de toda a grammatica. Sem ella não poderia haver communicação.

A boa *syntaxe* depende da verdadeira logica. Dahi o chamar-se analyse logica á analyse syntactica. A *syntaxe*, portanto, data de um estado mais elevado da *língua*.

Oração é o enunciado de um *juizo*. Esta palavra tem um sentido lato e outro restricto. No pri-

meiro caso abrange tudo quanto se diz: o discurso; no segundo, designa a manifestação de um juizo por meio de palavras oraes ou escriptas. Juizo é um acto completo de nossa alma pelo qual julgamos uma coisa de outra. É pela oração que manifestamos nossas idéas e sentimentos. As idéas podem ser subjectivas e objectivas. Da mesma sorte que não ha idéa que não seja inspirada pelos sentimentos, não ha sensação sem que de antemão tenhamos uma idéa exterior. Sem o impulso dos sentidos, pois, não poderemos ter concepções das coisas, formando juizo. A intelligencia, o caracter e especialmente os sentimentos, são os factores do juizo. Dahi sua variabilidade: elle pode ter maior ou menor energia, maior ou menor entusiasmo.

O fim do juizo é manifestar as concepções combinadas, mostrando a continuidade de idéas. Assim sendo, as expressões isoladas nenhum valor logico representam. O ideal da *língua* é a perfeita e rapida communicação.

A forma mais perfeita da *língua* é o dialogo. Elle pode ser familiar ou scientifico. Seu ideal é a sociedade.

II

Elementos da proposição:—o sujeito, o predicado.—O verbo: não essencial; essencial á existencia da relação.—Noção do predicado geral, especial; de complemento; de apposição. Divisões do sujeito e do predicado; o complemento.

O enunciado de um juizo, como vimos, é a *proposição*. Os seus elementos essenciaes, são dois, a saber: *sujeito* e *predicado*.

Predicado é tudo quanto se diz do *sujeito*.

Sujeito é aquillo de que se diz alguma coisa.

O sujeito é o elemento essencial da proposição. O predicado e o verbo lhe são muito inferiores nesse papel; o verbo especialmente é que constitue parte integrante do predicado geral.

O verbo, portanto, não é palavra essencial neste particular. Elle só tem importancia no character de relação, relacionando o predicado com o sujeito.

O sujeito pode ser simples ou composto.

Sujeito simples é o representado por um só individuo ou por mais de um da mesma natureza e representados por uma mesma palavra.

Sujeito composto é o representado por mais de um individuo e de natureza diversa.

O predicado, por seu turno, pode ser geral ou especial.

Predicado geral é tudo quanto se diz do sujeito, inclusive o verbo.

Predicado especial é o attributo, muitas vezes independente do verbo.

O predicado especial pode ser simples ou composto. É simples

quando exprime uma só maneira de existir do sujeito e composto quando mais de uma.

O sujeito e o predicado quer simples ou compostos ainda podem ser complexos ou incomplexos, segundo têm complemento ou não.

Complemento é toda phrase que completa o sentido de outra.

Ha duas especies de complemento: directo e indirecto.

É directo quando o qualificativo incluído no verbo é de predicação incompleta e indirecto, quando não.

Neste caso, elle deixa de ser essencial á construcção.

O complemento directo, que é aquelle sobre o qual recae directamente a acção do transitivo, é o essencial á construcção.

Ha ainda certas expressões que, sem serem complementos directos ou indirectos, inteiram comtudo o o sentido das sentenças. São as *apposições*.

S. Paulo, novembro de 1907.

LUIZ CARDOSO.

DIVERSOS

DISCURSO

pronunciado pela prof. d. MARIA REIS, na festa da inauguração do Grupo Escolar de S. Simão.

Carissimo Mestre.

Sêde bemvindo!

Entregaes hoje o nosso Grupo Escolar á gratidão do povo desta terra.

Abris hoje ás portas deste luminoso recinto ás creancinhas que se acham famintas desse pão que nutre a intelligencia, que se embrutecem abandonadas, sedentas desse nectar que purifica as consciencias e que, tacteando em noite tenebrosa, se veem ávidas dessa luz impercível que, muitas vezes por sobre os escolhos de erros, em abysmo de soffrimentos, conduz o caminheiro á felicidade, pela via tortuosa da existencia.

Outrora — em um passado que não é remoto, quando se festejava o apparecimento de

uma casa de instrucção — vinham de longe, repassadas de caricias que nos amenizavam as horas de contrariedades — as saudações desse honrado Presidente do Estado, que talvez não poderá tão cedo vêr o riso da multidão de creanças reconhecidas, que entoam hansas de triumphos ao seu mais legitimo bemfeitor.

Outrora — nesse tempo cheio de edificações majestosas, que serviam para compensar os effeitos das calamidades, da revolução e da guerra civil — em grandiosas emergencias festivas como esta cantavam, nos ouvidos dos mestres, echoavam por toda a parte, repasmendo as creancinhas, as phrases harmoniosas de Cezario Motta, repletas de conforto, que iam levar uma scentelha de encora-

jamento aos espiritos mais descrentes e esmorecidos.

Outrora—era Cezario Motta, em seu proprio nome e em nome desse venerando patriota, cujo timbre tem sido o de um estoico rico de virtudes civicas, quem explicava ao Povo, o pensamento do Governo e a urgencia na fundação de escolas.

Não podiam agir de outra fórma os pregoeiros da Democracia.

Cezario Motta e Bernardino de Campos, eram uma unica flammula a incitar para a lucta os elementos dispersos.

Hoje, caro Mestre, os tempos são outros.

No meio de uma sociedade selecta, que vos admira e de amigos esclarecidos que vos prestigiam; hoje no goso de uma reputação extensa e de uma nomeada brilhante—sois vós, o discipulo de Miss Browne e de Caetano de Campos—que relembraes esse periodo aureo, esses tempos heroicos para a instrucção na terra paulista.

Em vós, se concentram todas as aspirações do governo do Estado e se aninham todas as esperanças do magisterio publico, que reivindicará, por certo, o conceito perdido, porque

vos tem como chefe e ornamento.

Apprendestes com Caetano de Campos—o reformador do Ensino—que os mestres primarios não são simples professores.

O mestre é o mais importante de todos os factores da educação nacional e não deve abdicar o seu mais nobre privilegio.

Mestres são preceptores no sentido mais lato da palavra.

A sua missão é tanto de educação moral como de educação intellectual.

Exigem dos mestres que preparem, a par de espiritos lucidos, homens de bem e bons cidadãos.

Onde mais se accentúa essa funcção de educadores é nas escolas do interior, na roça e no sertão; é onde sobretudo tem a lidar com as classes ruraes e operarias.

Ver-se-á que è ahí que o mestre deve, ao mesmo tempo, civilizar e moralizar.

Apprendestes—sr. inspector de ensino—com os vossos experimentados lentes de hontem, e o recordaes agora em vosso gabinete de reflexões, que essa rude argilla que se mette em nossas mãos, para que com ella façamos um homem, não temos

sómente de animal—a com a scintilla do espirito: devemos com uma arte paciente e prolongada, alisar-lhe as asperezas e aperfeiçoal-a para o trato social.

Já se fez a diligencia para que a creança goste da escola e aproveite em frequental-a.

Cumpra, porém, agora, que seja dado um outro passo.

Sabeis, caro mestre, que por melhor que seja o professor, por melhor que seja a escola, nada poderá produzir, que seja firme e duradouro, sem a cooperação da familia.

A melhor educação ha de ser sempre profundamente deficiente—diz Dupanloup—si for realisada sem a legitima e necessaria influencia dos paes.

Aproveitae, sr. inspector, todos os ensejos que se vos offererem para fazer a aproximação entre a familia e a escola.

A vós ficará cabendo a gloria de ter feito a associação dos paes ás tarefas educativas.

No geral, deixam para o mestre grande parte do trabalho de corrigir e aperfeiçoar tanto os caracteres como as intelligencias.

Põem-se nelle todas as esperanças e tanto basta para que

se esforce para corresponder a essa confiança.

Qual será o mestre que pode consolidar alguma coisa, si a familia o não ajudar ou, o que é ainda peor, si ella contrariar a sua acção?

Poderá, a custa de muito zelo e de muito talento, fazer desabrochar na creança os melhores sentimentos e provocar as melhores resoluções; mas, só por si, não poderiam chegar á profundidade, onde assentam os habitos definitivos.

Com a paciencia a oppôr aos soffrimentos e a tenacidade na acção, o mestre não poderá, por si só, supprir todos os outros numerosos factores da educação.

A escola sem o auxilio directo do lar, deixará de alcançar os fins, a que se propõe.

E' no lar que se lançam os primeiros alicerces do character.

Assim, pois, para a missão do mestre ter mais successo e efficacia, si a escola quizer desempenhar-se da sua responsabilidade, tem de pedir a efectiva collaboração da familia em tudo que aspira e realiza, e a familia deve dar-lh'a.

Trabalhae, caro mestre, como o fizestes em Piracicaba em cujos fastos pedagogicos

ficou para sempre assignalada a vossa passagem.

Trabalhae, como o fizestes na E. «Prudente de Moraes», onde apprendi comvosco a me acricular de corpo e alma, pela ingrata profissão de educadora.

Trabalhae, como o fizestes em Guaratinguetá, onde o prestigio que levastes não ficou aquem da reputação com que voltastes.

Trabalhae, como o fazeis agora, dando realce e vida a uma instituição moribunda, e a uma classe de funcionarios de Estado, que ha dilatado prazo se vê orphan das caricias paternaes.

Caro mestre.

São estes os desejos do

corpo docente que me fez orgam para vos saudar.

Após a prègação das doutrinas de Christo, na Judéa, dispersaram-se os apóstolos, para as levarem a toda a terra. S. Pedro foi á cidade de Joppe, onde Deus o fez saber que os gentios iam ser chamados ao Evangelho e que, a elle, incumbia abrir as portas, como chefe da igreja.

Pois bem,

Viestes, vós, vos postar, como o apóstolo, no limiar deste templo, para entregar ao seu abrigo sagrado, os innocentes, os ignorantes que irão receber do sacerdote a hostia sancta do saber.

Sêde, pois, bemvindo!



MARPO
BORCINA RAMOS

Do Coronel Leonidas de Toledo Ramos,
Companha e Amigo

O ben creato spirito, che a tal
Di vita eterna la dolcezza senti,
Che non gustata non s'intende mai

LITERATURA

De ti oh! quem souber as ciclicas
No cotre-largo que te sustinha
A dor de rir no chorando e tristidiao
Lachrimas nos canil
Onde a prostror um cenduar danou
Saudade e vobis amargo de tristezas
Delicioso pinguet de acervo espirito

S. Paulo, 2 - XI - 1907
WALDEMAR DOS REIS

✿ PORCINA RAMOS ✿

Ao Coronel Leonidas de Toledo Ramos,
 Compadre e Amigo

O ben creato spirito, che a'rai
 Di vita eterna la dolcezza senti,
 Che non gustata non s'intende mai.

DANTE (*Paradiso*, III, 37).

*Eis-me compresso d'alma em seu jazigo
 E ante as lettras negras que a saudade
 Nelle esculpiu ainda mais me invade
 A magua de perder um seio amigo.*

*Esposa e mãe, á campa foi consigo
 A vida de uma pleiade que ha de
 Gemer cruciantemente na orphandade,
 No luto roaz que contristado sigo.*

*De ti oh! quem sondára as cicatrizes
 No catre largo que te vê sósinho?
 A dôr de viuvo tu chorando a dizes*

*Onde a prostrou um vendaval damninho:
 «Saudade! gôsto amargo de infelizes,
 Delicioso pungir de acerbo espinho.»*

S. Paulo, 2 — XI — 907.

MANOEL DOS REYS.

O ORPHAM

(GUERRA JUNQUEIRO)

Não ter mãe, nem ter amada!	Si têm fundo essas gehennas...
Ai, que tristeza tamanha!	Ah, perdoa-me, Senhor!
Que dura sorte funesta!	Mas por dentro de meu craneo
Nem a urze da montanha,	Passa a duvida sombria
E é coisa bem desgraçada,	Como larva immunda e fria
Teve sorte igual a esta!	Nas trevas de um subterraneo!

Vir ao mundo e não ter mãe!	Teu filho, o proprio Jesus,
Percorrer o mundo inteiro	Emblema do soffrimento,
Sem um labio maternal	Que morreu pregado á cruz
Que nos diga—filho, vem!—	Sem um unico lamento,
E' como ser forasteiro	Sem um grito, sem um ai,
Na propria terra Natal.	Teu proprio filho, Senhor,
	Teve mãe e teve pae!

E dizer que, havendo Deus,	Ser orpham! Não ter na vida!
Fonte de immensa piedade,	Aquillo que todos têm!
Ha creancinhas sem berço,	E' como a ave sem ninho!
E almas sem caridade!	E' qual semente perdida
Vêr os lyrios das campinas	Que, ao voltar do seu cirado,
Todos cheios de alegria,	O lavrador descuidado
E tantas mãos pequeninas	Deixou tombar no caminho.
Sem o pão de cada dia!	E, quando vem a tormenta
	Arrancal-a sem piedade,

Senhor, Senhor! Quando scismo	A triste não se lamenta
Que ha muitas almas que nascem	Da sua triste desgraça!
Sobre o cairrel de um abysmo	Herva da rua... quem passa
E que basta um sopro apenas	Póde esmagal-a á vontade...
Das tempestades do mundo	
Para as lançar lá no fundo,	

Assim vivera também
A creança desditosa,
Que, em noite má, tenebrosa,
Ficára sem pae nem mãe.

O mundo voltou-lhe o rosto,
Porque entre as festas do mundo
E' crime ser desgraçado.

Filho da treva e do vicio,
Despontára á luz da vida
Como pomba dolorida
Já votada ao sacrificio.

Não ter mãe, nem ter amada!
Ai, que tristeza tamanha,
Que dura sorte funesta!
Nem a urze da montanha,
E é coisa bem desgraçada,
Teve sorte igual a esta!

Não lhe bastava o desgosto
Do seu martyrio profundo,
Do seu tristissimo fado:

TREZE DE MAIO

(ANTONIO PEIXOTO)

A lei de treze de maio,
Rolando como um trovão,
Partiu, com um golpe de raio.
Os ferros da escravidão.

Mas antes della, com vivos
Desejos de abolição,
Com piedade dos captivos,
Varados de commoção,

E quem teve o animo afoito
De a decretar num papel
No anno de oitenta e oito,
Foi a princeza Izabel!

Muitos homens brasileiros,
Como um punhado de bravos,
Lidaram annos inteiros,
Pela causa dos escravos!

Por esse facto, a princeza,
Filha de Pedro Segundo,
Chamou para Sua Alteza
Os olhos pasmos do mundo!

Eram—pobres!—nessas eras
Duma cubiça sem fim,
Apanhados como feras
Lá na patria do marfim!

Depois, a bordo, a saudade
Da vida passada em flôr,
Matava quasi a metade!
Alguns morriam de amor!

E mostravam no martyrio
Toda a doçura christã,
Pois tinham a alma de um lyrio
Os meigos filhos de Cham!

Chegavam; e entre soluços,
Maltractados como cães,
Eram postados de bruços:
Os filhos longe das mães!

Mas, hoje, á sombra dos Andes,
Nesta terra de esplendores,
Os homens todos são grandes:
—Não ha párias nem senhores!

A SCISMA DO CABOCLO

(RICARDO GONÇALVES)

Scisma o caboclo á porta da cabana.
Declina o sol, mas rubido espadana
Cataractas de luz.

No terreno, entre espigas debulhadas,
Arrulham, perseguindo-se á bicadas,
Dois casaes de pombinhas parirús.

A criação de pennas se empoleira.
Come a ração no coxo da mangueira
Um velho pangaré.

E uma vacca leiteira e bois de carro
Pastam, juncto á casinha, que é de barro,
Coberta de sapé.

Longe, uma tropa trota pela estrada.
E a viração dos mattos, impregnada
De perfumes subtis,

Traz dos grotões, que a sombra lenta invade,
O soturno queixume de saudade
Das pombas juritys.

Scisma o caboclo: pensa na morena
Que vira numa noite de novena,
Orando ao pé do altar.
Que vira... e que, por mal de seus peccados,
Tinha os olhos profundos e rasgados.
E um riso de matar.

A SCISMA DO CABOCLLO

Branco, de fofos, era o seu vestido
E elle, ao vel-a, sentindo-se ferido
Em pleno coração,
Baixinho suspirou:—Nossa Senhora,
Ai, meu São Bom Jesus de Pirapora,
Da minha devoção!

Depois não se conteve e num fandango
Furtoa-lhe uns beijos nos labios de morango,
O diabo do rapaz.
E ella volveu zangada:—Malcriado!
Seu vigario já disse que é peccado.
Isso não se faz....

E o caboclo medita... O sol em chamma
Como agora a pouquinho não derrama
Cataractas de luz.
O corrego soluça; a noite desce,
E vem dos capoeirões, onde anoitece,
O trillo vespéral dos inambús.

VINTE E UM DE ABRIL

(A. PEIXOTO)

Porque—ha muitos, muitos annos— Si Tiradentes foi réu,
Se conspirou no Brazil, Cahindo, porém, das traves,
Alguns homens deshumanos Seu corpo foi para as aves,
No dia vinte e um de abril, Sua alma foi para o ceo!

Fizeram subir, descalço, Illumina sua gloria
Em nome de uma mulher, Toda a terra em que nasceu!
Aos degraus do cadafalso Nunca vi no ceo da Historia
O alferes Silva Xavier! Vulto grande como o seu!

Em Minas, de serra em serra, E' bem que a gente se zangue
Elle, soldado leal, E fale mal... Como dóe
Quiz desprender nossa terra Vêr, assim, rolar em sangue
Dos braços de Portugal! A cabeça de um heroe!

A liberdade, senhores,

Nas agonias supremas,

Quebra grilhões, quebra algemas,

E vôa como os condores!

A Bandeira Nacional

I

Salve, mil vezes salve, auri-verde pendão!

A bandeira é o symbolo da Patria.

E' ella que num simples pedaço de panno traz-nos á lembrança a grandeza de um paiz.

A nossa, «a mais bella entre as bellas» representa em seu seio uma série de pesquisas entre a Astronomia e o Civismo.

As condições de uma bôa bandeira ahi foram observadas sob a inspiração do immortal fundador da Republica Brasileira—o benemerito Benjamim Constant e eternamente o será emquanto eterno for o paiz que ella representa.

Essas condições são *solidariedade e continuidade*.

Estando bem definida a primeira, ella encerrará a segunda, pois ambas têm por fim lembrar, com gloria, os feitos de nossos antepassados, fazer grande e nobre o presente e de esperanças ridentes em relação ao futuro.

Vemos á cima, no bello pendão, o verde esperançoso representando o eterno florir de nossas mattas; a côr aurea, relembrando as grandes descobertas mineraes aqui feitas e, por fim, a esphera azul, alevantando glorioso o nosso bellissimo ceo.

Desde que já temos nella representados o passado, o porvir e o presente, epoca de transição entre os dois—o nosso dever é unicamente engrandecel-a e conserval-a para que ella seja forte, grande, gloriosa e duradoira.

Sob a sua sombra e debaixo do glorioso lemma ahi inscripto — *Ordem e Progresso* — engrandeçamos a nossa querida Patria!

Este lemma sacro-santo traz-nos á lembrança a lei basica da Historia Geral dada por Augusto Comte:—*o Amor por principio e Ordem por base; o Progresso por fim*.

A ordem é que faz a harmonia entre os povos e della é que vem o progresso.

Amemos, portanto, com fé e ardor o nosso Paiz e a sua Bandeira, caminhando á procura do unico ideal resultante do patriostismo—a grandeza da Patria.

Saudemos com effusão a data de 19 de novembro, na qual com o decreto numero 4 ficou estabelecido o auri-verde pavilhão para representar a Patria Brasileira e, em seguida, vamos repetir entusiasmamente os immortaes versos de Castro Alves, feitos por este poeta no decorrer duma

poesia — *Navio Negreiro* — e em que elle se refere a pessôas que se achavam a bordo, pois esses é que, distantes do solo amado, ao divisarem o seu symbolo, mais sentem o sangue heroico do Brasileiro a ferver-lhes nas veias.

Salve, dezenove de novembro!

Salve,

*Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança!
Estandarte que a luz do Sol encerra,
E as promessas divinas da esperança!*

(Foi o melhor trabalho escripto no 3.º anno complementar, pela alumna Carlota de Queiroz).

II

Parecia natural e obvio que devia ser a da flora luxuriante do Brazil a côr predominante na Bandeira Nacional, essa que, no dizer de Augusto Comte, é o symbolo da paz e da esperança.

Ella, no nosso pavilhão, além do que acima ficou dito, tem uma outra significação: representa os campos salpicados de flôres de variados matizes, a immensa flora do nosso rico Brazil; representa a natureza viva.

Liga o nosso paiz ao cen-

tro da civilisação moderna—á cidade de Paris—porque ramagens verdes serviram de distinctivos aos assaltantes da Bastilha em 1789.

E' uma côr genuinamente nacional e faz a ligação necessaria do Brazil—republica ao Brazil—imperio.

Foi José Bonifacio — o patriarcha da Independencia — quem mudou o azul da bandeira de d. João VI do Brazil—reino para verde, que a Republica conservou nessa data memoravel.

O lozango amarello tem por fim a representação da natureza morta, o aureo metal que habita as entranhas de nossa terra.

No centro, destacamos uma esphera azul na qual se acham engastadas 21 estrellas e atravessada por uma faixa branca, em que se vê gravado o lema — *Ordem e Progreso* — em letras verdes.

As estrellas representam os estados do Brazil, mais o districto Federal; e a faixa branca, o zodiaco.

Eis ahí em poucas palavras a descripção do Pavilhão Nacional, o nosso auri-verde estandarte, que tantas glorias conquistou no passado e tão brilhante futuro prepara para os seus filhos, para as gerações vindouras.

O Governo Provisorio da Republica, fazendo-o, respeitou as condições de continuidade e solidariedade — como já haviam feito d. João VI e José Bonifacio.

Prestemos reverentes ho-

menagens ao nosso Pendão augusto, quando pela nossa frente passar!

Descubramo-nos respeitosos!

Conservemos eternamente as suas glorias e tradições.

E si algum dia, por uma lei fatal da eternidade, fôrmos obrigados a marchar ao som marcial dos tambores e clarins, para salvar a sua honra que é a dos filhos seus — permitti,

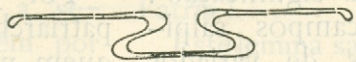
ó jovens patriotas, que encontre ella em vós sentimentos puros de nobres corações, um peito d'aço, uma muralha mais forte e reforçada do que a do reforçado inimigo.

Aqui, e em toda parte, devemos defendel-a, honrando-a sempre, até nas mais longinquas regiões, porque é ella a imagem da Patria distante.

Salve, Brazil independente!

Salve, Pavilhão Nacional!

(Melhor trabalho escripto no 4.º anno complementar, pelo alumno Salustiano Ramalho).



Os nossos edificios escolares

Grupo Escolar "Simão da Silva"

EM

S Ã O S I M Ã O

Do *Mensageiro dos Educadores*, folha dedicada aos interesses da classe do professorado publico, extrahimos as seguintes notas:

Esteve magnifica a inauguração do novo edificio do Grupo Escolar «Simão da Silva» de S. Simão, realzada no dia 12 de outubro proximo passado.

A frente do Grupo Escolar estava ornamentada com arcos de bambús, bandeirolas e significativos escudos com as inscripções — dr. Jorge Tibiriçá, dr. Gustavo de Godoy, João Lourenço Rodrigues, Camara Municipal, etc., etc.

A sessão literaria, intelligentemente organizada, teve cõbula execução, e deixou no espirito dos que tiveram a felicidade de assistil-a as mais gratas recordações.

Presidiu-a o sr. João Lourenço Rodrigues, Inspector Geral do Ensino, representando o Governo do Estado.

A mesa ainda se compozi de: srs. dr. Leonidas Burette, presidente da Camara, Fonseca Brazil,

intendente municipal, dr. Jacintho Reis, promotor publico e Antonio de Mello Cotrim, professor em Serra Azul.

O dr. Achilles Guimarães, orador official, produziu um bom discurso allusivo ao acto, que agradeu muito.

O program na teve, por parte das creanças, magnifica execução.

Fallaram ainda o dr. Leonidas Burette, redactor-chefe do conceituado collega *O Trabalho*, que deu nesse dia uma edição especial; o sr. Antonio de Mello Cotrim; o dr. Jacintho Reis e a talentosa professora d. Muria Reis, ex-discipula do sr. Inspector Geral.

O discurso desta professora foi muito applaudido pela justeza dos conceitos que continha.

Encerrou a solemnidade o sr. João Lourenço Rodrigues, fallando, como sempre, emittindo bellos conceitos, e saudando o operoso director do Grupo Escolar, o sr. João Luiz Laudim.

O sr. Inspector Geral do Ensino e o sr. director do Grupo Es-

colar receberam dos alumnos lindos ramilhetes de flores naturaes.

Na sala da portaria foi servido um profuso copo de cerveja, e trocaram-se brindes de saudações ao dr. secretario do Interior, aos srs. João Lourenço Rodrigues, dr. Leonidas Barretto, Major Portugal e João Landim.

Seguiram-se os exercicios de gymnastica pelas alumnas, e o jogo da «Bandeira» pelos alumnos, que foram muito apreciados.

A Camara Municipal de S. Simão offereceu appetitoso lanche ás creanças.

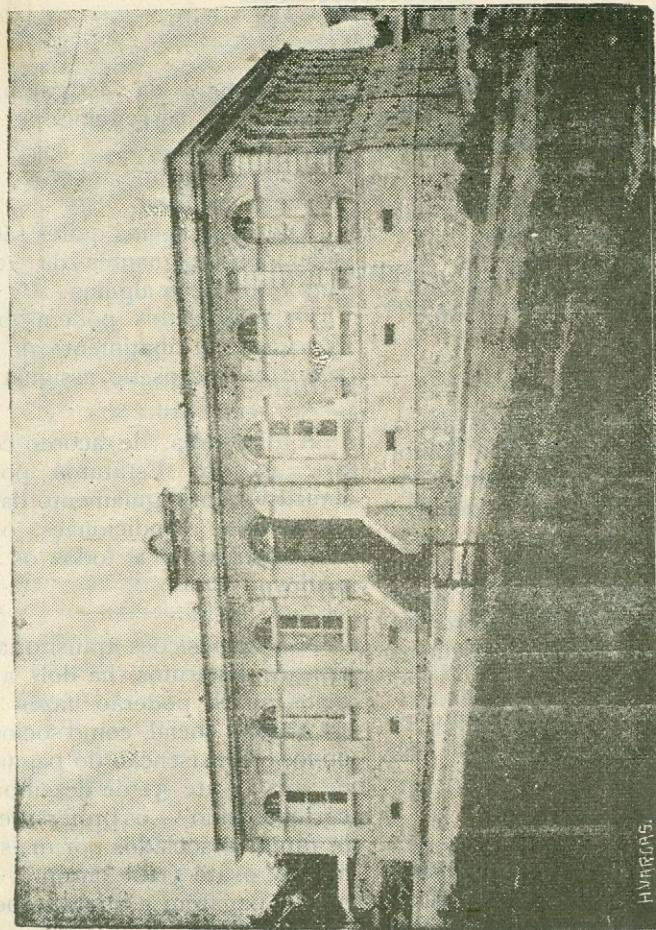
A tarde houve passeiata sendo cumprimentadas todas as auctoridades locais.

A noite, no salão do Grupo, realizou-se um baile que se prolongou até á madrugada.

Durante a solemnidade tocou a corporação musical «Giuseppe Verdi».

Enviamos ao povo de S. Simão, ao sr. João Landim, digno director do Grupo Escolar e á Camara Municipal de S. Simão, nossas felicitações, e desejamos que a instrução publica de lá corra sempre por um mar de rosas.

Por acto de 10 de outubro o governo do Estado denominou o Grupo Escolar de S. Simão—Grupo Escolar «Simão da Silva», de acôrdo com o pedido da respectva municipalidade, que assim rendeu um preito de homenagem ao fundador daquela cidade.



Edifício inaugurado, em 12 de outubro proximo passado, com a presença do Inspector Geral do Ensino, sr. João Lourenço Rodrigues.

Movimento associativo

A séde da Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado é á rua de Sancta Thereza, n. 28.

Acha-se aberta, nos dias uteis, das 6 ás 9 horas da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a caixa postal n. 183.

O presidente da Associação, sr. Fernando Martins Bonilha Junior, reside á rua da Tabatinguera, n. 17; o thesoureiro, sr. Izidro Denser á rua Vergueiro, n. 110; o 1.º secretario sr. Antonio Pereira Baptista, á rua America, n. 13; o procurador social, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 106.

O thesoureiro é diariamente encontrado na séde social, das 7 ás 8 horas da noite.

A *Revista de Ensino* é publicada sob a responsabilidade da Directoria, mas o seu editor-responsavel é o presidente da Associação.

O redactor-secretario deste organ é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia que diz respeito áquella publicação.

Os preços da assignatura da *Revista* são os seguintes:

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Numero avulso	2\$000

Todos os socios quites são considerados assignantes da *Revista* sem retribuição alguma.

Os associados pódem obter a *Revista* com abatimento de 50% sobre os preços de assignaturas.

A directoria, de acôrdo com o art. 43 dos Estatutos, poz em execução um regulamento da caixa de auxilios condicionaes, o qual será distribuido a todos os associados.

Nas disposições transitorias dos actuaes Estatutos, ha dois artigos pelos quaes poderão fazer parte do quadro social, como socios effectivos e com isenção do pagamento de joia — até 31 de dezembro do corrente anno — os professores que já foram associados por mais de 6 mezes; e até 31 de outubro, todos os que pagarem a quota respectiva de annuidades.

Afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, é de grande necessidade que os srs. associados, sempre que mudem de residencia, o communicquem ao secretario.

POSTOS MEDICOS —

1) — DR. CARLOS MEYER — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até ás 9 horas da manhã. Dá consultus gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na Capital, pelo preço de 5\$000. Tambem se propõe a fazer gratuitamente, analyses em escarros, catarrhos e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2) — DR. ALVARO DE OLIVEIRA RIBEIRO. — Dá consultas gratuitas aos associados. Consultorio e residencia — rua Victoria, n. 158, Pharmacia da Fé.

3) — DR. ROBERTO GOMES CALCAS — Dá consultas nas mesmas condicções do dr. Meyer. Consultorio — rua de S. Bento, n. 38; residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

4) — DR. FABRICIO VAMPRE' — Dá consultas gratuitas aos associados e ás suas familias. Residencia — alameda Barão de Piracicaba, n. 3; consultorio — rua Marechal Deodoro, n. 1.

5) — DR. LYCURGO PEREIRA — Presta seus serviços clinicos nas seguintes condicções:
visitas 5\$000
consultas aos associados gratis
Consultorio — rua de Sancta Thereza, n. 9.

6) — DR. N. SOARES DO COUTO — Presta seus serviços clinicos aos

associados nas seguintes condicções:
visitas nos domicilios . . . 5\$000
consultas 3\$000
Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 22.

DENTISTAS

1) — JAYME TEIXEIRA, cirurgião dentista. Presta seus serviços profissionais aos associados e as suas familias, por preços módicos.

Gabinete e residencia á rua General Jardim, n. 63.

2) — MARIO LAS CASAS — Presta seus serviços profissionais, tambem por preços módicos.

Gabinete — Largo de S. Bento, n. 12.

OBSERVAÇÃO. — Os srs. associados devem tractar, préviamente, os preços relativss aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

PHARMACIAS

Fornecem medicamentos aos associados com abatimento de 20%.

1) — PHARMACIA DE SANCTA THEREZA, de Ignacio Puiggari, á rua de Sancta Thereza, n. 9.

2) — PHARMACIA E DROGARIA, de João dos Santos & Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3) — PHARMACIA ASSIS, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro n. 2.

4) — PHARMACIA RODRIGUES, de d. Altina Rodrigues, largo do Jardim, n. 32.

Secretaria da Associação Beneficente do Professorado Publico, em novembro de 1907.

O Secretario,
ANTONIO PEREIRA BAPTISTA.

NOTICIARIO

GREMIO NORMALISTA « DOIS DE AGOSTO »

12 de outubro

- I. *Discurso*, pelo socio Odilon Corrêa.
- II. *C. Delavigne*, «Trois jours de Christophe Colomb», recitada pela socia Martha Cahen.
- III. *Gustavo Kuhlmann*, «Christovam Colombo», poesia recitada pelo auctor.
- IV. *Isabel Vieira de Serpa*, «Descoberta da America», poesia recitada pela auctora.
- V. *Breve allocução*, pelo socio Jayme Candelaria.
- VI. *J. M. Guimarães*, «Cerração no mar», pelo socio Miguel Milano.

Com este programma commemorou o *Gremio* o descobrimento da America. A sessão realisou-se no salão de honra da Escola, ás duas horas da tarde, sendo presidida pelo dr. Oscar Thompson, a convite do Sr. Oscar Guilherme.

A comissão promotora desta commemoração era constituída pelos socios do *Gremio*: senhoritas Theodora Bayma, Anna Alves de Camargo, Claudina Neves, Maria Luiza de Barros, e srs. Mario R. Alvares, Arthur Maret e Rozario Pereira da Silva.

Directoria

A 16 de Outubro foi eleita e empossada a nova Directoria desta sympathica associação. Foram eleitos: presidente—sr. Leowigildo Martins; vice-presidente—senho-

rita Agalma Silva Rodrigues; secretario—sr. Arlindo Pinto da Silva; secretaria—senhorita Carlota J. Garcia Terra; orador official—sr. Annibal A. de Mello; thesoureiro—sr. Accacio V. Camargo e procuradora—senhorita Nathalina Medeiros.

A nova Directoria foi saudada em breves discursos pelos socios Jayme Candelaria, Affonso C. de Siqueira e Odilon Correa, aos quaes respondeu o orador official.

Antes de encerrar a sessão o dr. Oscar Thompson, presente nos trabalhos, pediu ao sr. Annibal de Mello propusesse que, na acta daquela sessão, fosse consignado um voto de louvor ao ex-presidente Oscar Guilherme, como reconhecimento aos relevantes serviços por elle prestados ao *Gremio*.

A directoria que findou o seu mandato era constituída pelos seguintes senhores: Oscar Guilherme, presidente; senhorita Dulce Elisa de França, vice-presidente; Leovigildo Martins, secretario; senhorita Angela Gonsalves Dente, secretaria; Jayme Candelaria, orador-official; Raphael de Sant'Anna, thesoureiro e senhorita Carlota Joly G. Terra, procuradora.

Boletim de Estatistica

Do sr. dr. Xavier da Silveira recebemos o *Boletim Trimensal de Estatistica Demographo-Sanitaria*, correspondente ao mez de abril, do de maio e do de junho, do corrente anno.

O *Boletim Trimensal* é uma publicação da *Directoria do Serviço Sanitario*, de cuja secção de — *Demographia* — se encarrega aquelle joven medico santista.

O *Boletim Trimensal* regista os nascimentos, os casamentos e os obitos de 166 municipios dos 171 em que se divide o Estado.

Para completar a estatistica de todo o Estado, faltam apenas os districtos de *Candelaria, Itaúna* e *S. Sebastião da Ponte Nova*, por não terem os escrivães do registo civil remettido á secção demographica os mappas, apezar de diversas reclamações. Deixam, pois de figurar no *Boletim Trimensal* os municipios de Franca, São Bento do Sapucahy e Xiririca, de que fazem parte os referidos districtos.

Nos 166 municipios, houve . . . 20.840 nascimentos, e 11.610 obitos e um excesso de 9.230 almas sobre o numero de mortos.

Os casamentos foram 4.296. Agradecidos pela remessa.

Publicações

Recebemos as seguintes, cuja remessa agradecemos:

Do Mexico—*La Enseñanza Primaria*, da Capital; *Revista Escolar Chihuahuense* de Chihuahua;

Do Equador—*Boletín de las Escuelas Primarias*, de Guayquil, provincia del Guayas;

Da Republica Argentina—*La Higiene Escolar*, suplemento de *El Monitor de la Educación Común*, *La Escuela Pratica*, *El Magisterio*, *El Monitor de la Educación Común*, de Buenos Aires, *Revista de Educación*, de La Plata;

De Portugal—*Educação Nacional*, do Porto;

Do Maranhão—*Diario Official*, *Revista Annual*, do Centro Caixeiral, de S. Luiz;

Do Pará—*O Trabalho*, da Capital;

Do Piauí—*O Commercio da Capital*;

Do Ceará—*Revista de Ensino*, *Revista Escolar*, *Revista Andarillica*, de Fortaleza *Oitenta e Nove*, de Baturité; *A Palavra*, de Camocim;

De Alagoas—*Vinte de Julho*, de Pilar;

Da Bahia—*Ad Lucem*, *Boletim*, da Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas;

Do Rio de Janeiro—*Tribuna de Fetropolis*, *O Izabelense*, de Sancta Izabel do Rio Preto;

Do Districto Federal—*Revista Didactica*, *Revista Militar*;

Do Paraná—*A Escola*, do «Gremio do Professorado Publico»;

Do Rio Grande do Sul—*O Taquaryense*, de Taquary, *A Voz do Povo*, de Uruguayana;

De Minas Geraes—*O Monitor Sul Mineiro*, de Campanha, *O Passageiro*, de Tres Corações do Rio Verde, *O Resistente* de São João de

El Rei, *Gazeta de Ubá*, *Gazeta de Ouro Fino*, *O Commercio*, de São João do Nepomuceno, *O Araguay* de Araguay, *A Voz do Povo*, de Poços de Caldas, *O Juvenil* de Bom Successo, *Guarará Espirito Santo*, do Guarará.

De São Paulo—*Diario Official*, *Gazeta Clinica*, *Boletim*, da Repartição de Estatística Demographo-Sanitaria, *Germania*, *O Rebate*, *A Platêa*, *Revista Polytechnica*, *A Verdade e Luz*, *A Nova Cruz*, da Capital, *O Mundo Occulto*, e *A Cidade de Campinas*, de Campinas, *A Folha* e *O Fundiaryense* de Jundiahy, *Correio do Norte*, de Guaratinguetá, *Cidade de Bragança Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba, *A Imprensa*, Araraquara, *Gazeta e Correio*, de São Carlos do Pinhal, *Tribuna do Povo*, de Araras, *Correio de Botucatu*, *A Folha e Mensageiro* de Apparecida, *Republica*, de Itu, *A Gomarca*, e *O Mogyano*, de Mogy-mirim; *O*

Quinze de Novembro, de Sorocaba, *Gazeta de Jacarehy*, *A Gazeta do Pinhal* e *A Republica* do Espirito Sancto do Pinhal, *A Cidade de S. João* e *A Jardineira* de S. João da Boa Visia, *A Cidade* e o *Correio Palmeirense*, *O Tempo* e a *Cidade de Faxina*, *O Municipio*, de Lorena, *O Municipio* de Pirassununga, *A Cidade* de Dous Corregos, *O Municipio* e *A Imprensa*, de S. Manoel do Paraizo, *A Gazeta de Capivary*, *O Cartel* de Batataes, *O Correio Brotense*, *O Cravinhos*, *O Tietê*, *Correio do Sertão*, de Avaré, *Imparcial*, de Sertãozinho, *Gazeta de Annapolis*, *O Mineirense*, S. João da Bocaina, *O Porvir*, de S. José do Rio Preto, *Correio do Interior*, de Ribeirãozinho, *A Vera Cruz*, do Gremio Literario Recreativo de Casa Branca, *O Proletario* e *Rio Pardo*, de S. José de Pardo, *O Bandeirante*, de Mogy-Guassú, *O Escolar*, de Porto Ferreira.

ANNUNCIOS

Obras Didacticas do dr. Benevides

Licções de Historia da Civilisação (2.^a edição) 1 vol. cart. 5\$000;
 —**Licções de Historia do Brazil** (1.^a edição) 1 vol. cart. 3\$000;
 —**Resumo da Historia do Brazil** (.^a edição) 1 vol. cart. 1\$000,
 Edictores N. Falcone & C. = A' venda, em todas as livrarias;
 em S. Paulo e na Capital Federal.

APRECIÇÕES DA IMPRENSA

“Diario Popular”.—S. Paulo.—
 «Do dr. Sá e Benevides recebemos um exemplar das suas licções de Historia do Brazil. O auctor dividiu a sua obra historica em as seguintes partes: *Introdução*, que abrange os antecedentes historicos da descoberta do Brazil: *Tempos coloniaes*; *a Monarchia*, sob o 1.^o e o 2.^o imperio; e, finalmente, *a Republica*— de 15 de novembro até à presidencia do eminente dr. Prudente de Moraes.

A parte primeira está minuciosamente tractada, relativamente ás proporções do volume; a época imperial foi apreciada com o brilho da comprehensão dos elementos intellectuaes e dos factores materiaes que propulsaram outro desenvolvimento nacional: a ultima parte é uma simples resenha de factos. E' propria de um livro elementar e serve para esclarecer os episodios de nossa vida nacional e as conquistas liberaes da opinião popular.»

“Jornal do Commercio”.—Rio.
 «O dr. Benevides organisou e publicou um volume «*Licções de Historia da Civilisação*» (1.^a edi-

ção) para uso de seus alumnos. E' uma compilação clara, que serve perfeitamente aos fins a que a destinou o seu auctor. Como compendio elementar de Historia Geral é um dos melhores que possuímos.»

“O Commercio de S. Paulo.”
 —«*Licções de Historia da Civilisação*, organisadas pelo dr. Benevides, lente da cadeira de Historia da Escola Normal. Seu auctor coordenou nesse trabalho a exposição dos mais notaveis historiadores, de modo a facilitar o estudo e melhorar as condições de habilitação dos seus alumnos. Pela rapida leitura que delle fizemos— podemos afirmar que vem prestar relevantes serviços ao magisterio publico é á educação nacional.»

“A Gazeta de Piracicaba.”—
 «Tem o titulo de «*Licções de Historia da Civilisação*» o livro recentemente escripto pelo dr. Benevides, cujo recebimento já a „Gazeta” noticiou. Seu auctor presta com elle um significativo serviço áquelles que procuram nos bons livros um seguro elemento de preparo elementar.»

REVISTA DE ENSINO

Vendem-se collecções encardernadas da

REVISTA DE ENSINO

pelos preços seguintes:

- ANNO 1 --- 2 GROSSOS VOLUMES 20\$000
- „ II --- 1 GROSSO VOLUME 14\$000
- „ III --- 1 „ „ 14\$000

Licções de instrução Civica

Pelos Profs.

Arthur Breves e Izidro Denser

volume cartonado 3\$000

A venda nas principais livrarias

ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um, livro contendo as licções publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto de Carvalho.

Será dividido nas seguintes partes; *escola de recruta sem arma; escola de recruta com armas; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos ao contexto do livro,*

SUMMARIO

	PAGS.
A BANDEIRA NACIONAL	63
DECRETO N. 4, DE 19 DE NOVEMBRO	65
HYMNO A' BANDEIRA NACIONAL (letra)	67
HYMNO A' BANDEIRA NACIONAL (musica)	68
Questões geraes	
A BANDEIRA NACIONAL, de José Feliciano	70
AS COMMEMORAÇÕES CIVICAS E A EDUCAÇÃO MODERNA, de José Feliciano	85
A FESTA DA BANDEIRA	88
Pedagogia pratica	
PAGINAS CIVICAS, de João Köpke	92
ELECTRICIDADE, de A.	97
NOTAS DE PORTUGUEZ, de Luiz Cardoso	100
Diversos	
DISCURSO, de D. Maria Reis	103
Literatura	
PORCINA RAMOS, de Manoel dos Reys	108
O ORPHAM, de Guerra Junqueiro	109
TREZE DE MAIO, de Antonio Peixoto	110
A SCISMA DO CABOCLO, de Ricardo Gonçalves	111
VINTE E UM DE ABRIL, de A. Peixoto	113
Ensino civico-literario	
A BANDEIRA NACIONAL—I, de Carlota de Queiroz	114
A BANDEIRA NACIONAL—II, de Salustiano Ramalho	115
Os nossos edificios escolares	117
Movimento associativo	120
Noticiario	122
Annuncios	125